



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO PROFISSIONAL  
EM LETRAS - PROFLETRAS**



**BIANCA BRUNA ALVES**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, PRECONCEITO LINGUÍSTICO E BULLYING  
EM UMA ESCOLA ESTADUAL NO MUNICÍPIO DE SINOP - MT**

**SINOP - MT**

**2019**

BIANCA BRUNA ALVES

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, PRECONCEITO LINGUÍSTICO E BULLYING  
EM UMA ESCOLA ESTADUAL NO MUNICÍPIO DE SINOP - MT**

Dissertação de Mestrado Profissional apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, para a obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cláudia Landin Negreiros.

SINOP - MT

2019

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

A474v ALVES, Bianca Bruna .  
Variação Linguística, Preconceito Linguístico e Bullying em  
Uma Escola Estadual no Município de Sinop Mt / Bianca Bruna  
Alves - Sinop, 2019.  
82 f.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu  
(Mestrado Acadêmico) Letras, Faculdade de Educação e  
Linguagem, Câmpus de Sinop, Universidade do Estado de Mato  
Grosso, 2019.

Orientador: Cláudia Landin Negreiros

1. Multiletramento. 2. Variação. 3. Preconceito. 4. Bullying.  
I. Bianca Bruna Alves. II. Variação Linguística, Preconceito  
Linguístico e Bullying em Uma Escola Estadual no Município de  
Sinop Mt: .

CDU 81'27(817.2)

BIANCA BRUNA ALVES

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, PRECONCEITO LINGUÍSTICO E BULLYING  
EM UMA ESCOLA ESTADUAL NO MUNICÍPIO DE SINOP - MT**

Banca Examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cláudia Landin Negreiros.

ORIENTADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Neusa Inês Philippsen

EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori

EXAMINADOR

Dedico este trabalho aos meus queridos pais, Antônio e Margareth, à minha amada irmã, Carol, que é um amorzinho, por estar presente, pelo carinho, exemplo, e claro, muita dedicação, que me estimula sempre a querer mais e ir muito além do imaginado. Dedico, também, ao meu Moção! Thiago Sbizerio.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me permitir todos os dias um novo despertar, com a certeza de que coisas melhores sempre estão por vir, e conceder mais uma conquista.

Ao meu pai, que sempre me incentivou, e sabe da importância deste título. E que venha o doutorado, né?!

A minha mãe, que sempre esteve por perto mesmo distante, para me dar uma palavra de coragem para que eu pudesse persistir.

A minha irmã, que sempre está ao meu lado, quando eu mais preciso, brigando, às vezes, puxando a orelha, mas que é um amorzinho.

Aos amigos, que mesmo não entendendo muito o porquê de tanta dedicação, continuaram ao meu lado. Alguns muito especiais, nessa jornada em Sinop, Taty, Nady, Pitá e Deyane, sempre me ajudando.

A minha quase mãe, Cláudia, por confiar, acreditar e me direcionar quando eu precisei. Sempre atenta, dedicada, boazinha até demais, mas que soube me amparar nesta caminhada.

Aos amigos do Profletras, que estavam lá, no *whatsapp*, incentivando, cuidando, lembrando, avisando, reclamando, mas sempre presentes. Não seria possível se vocês não estivessem comigo.

Às AMIGAS, que mesmo longe, todos os dias mandavam mensagens de incentivo, carinho e força. Sofremos, choramos, nos encontramos bem pouco, mas estávamos juntas sempre.

À linda e querida Neusa Inês Philippsen, acho que o nome está certo, né?! Que sempre estava animada pro chopp e uma boa conversa.

Quase na reta final, conheci uma pessoa muito especial, o Thiago, que esteve presente, incentivou e cuidou de mim. Obrigada por tudo! Te amo!!! Meu maridão!!!!

Aos queridos professores, que se empenharam, que nos permitiram voar alto, que nos deram a palavra amiga quando precisávamos.

A equipe gestora da Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes, por entender as minhas necessidades, por apoiar, e sempre permitir novos projetos, novos ensinamentos.

Aos alunos, por aceitarem participar de um projeto desafiador, mas com resultados brilhantes.

Aos membros da banca de qualificação e defesa, pela leitura atenta deste trabalho e excelentes considerações.

À SEDUC, por me conceder a licença para qualificação, e por propiciar que outros professores ficassem em meu lugar durante o período de dois anos, tendo em vista que sou professora com dois concursos, totalizando 60 horas.

“Através da violência você pode matar um assassino, mas não pode matar o assassinato. Através da violência você pode matar um mentiroso, mas não pode estabelecer a verdade. Através da violência você pode matar uma pessoa odienta, mas não pode matar o ódio. A escuridão não pode extinguir a escuridão. Só a luz pode.”

Martin Luther King Jr.

## RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de discutir a Língua Portuguesa com suas variações linguísticas, o preconceito que essas variações enfrentam, principalmente no âmbito escolar, onde é um espaço democrático e de direito, e que deveria promover uma mudança na concepção do ensino da Língua Portuguesa. A variação linguística ainda é abordada de maneira insuficiente nos livros didáticos, e superficial pelos professores nas aulas, dificultando um resultado satisfatório na sua compreensão. Determinar que existe um falar “certo” ou “errado”, pode, além do preconceito, causar situações em que a intolerância e o bullying estarão presentes, e a escola e os professores não estão preparados para lidar com essas situações, muitas vezes consideradas apenas como indisciplinas. Estabelecer uma relação entre a escola, o ensino e os alunos, possibilita orientar até onde a “indisciplina”, o bullying podem interferir na vida desses alunos, e o que a escola pode fazer para que isso não aconteça, principalmente no ambiente virtual. Observar o ensino da língua possibilita valorizá-la, reconhecê-la como viva, e não estática, tornando seu ensino agradável, moderno e adequado à realidade na qual vivemos. Assim, de acordo com a pesquisa realizada, constatou-se que precisa haver maior empenho, tanto da escola quanto dos professores, para combater o preconceito, o bullying, e apenas o ensino da gramática normativa. Com o auxílio das TIC, que já fazem parte dos estudos, através dos Memes, é possível trabalhar de forma efetiva a variação e no combate ao preconceito linguístico. Assim, para se chegar à formação de uma análise mais coerente da proposta temática aqui apresentada, tal trabalho partiu dos estudos de Bagno (2007), Tarallo (1994), Bortoni – Ricardo (2002) entre outros estudiosos do assunto.

**Palavras-chave:** multiletramentos, variação linguística, preconceito linguístico, bullying.

## ABSTRACT

This report aims to discuss the Portuguese language with its linguistic variations, the prejudice that these variations face mainly in the school environment, where it is a democratic space and law and should promote a change in the conception of Portuguese language teaching. The linguistic variation is still insufficiently addressed in textbooks, and superficial by the teachers in the classes, making a satisfactory result in their comprehension difficult. Determining that there is a "right" or "wrong" speech can go beyond prejudice to situations in which intolerance and bullying will be present, and the school and teachers are not prepared to deal with such situations, often considered as indiscipline. Establishing a relationship between the school, the teaching and the students, makes it possible to guide the extent to which "indiscipline", bullying can interfere in the lives of these students, and what the school can do so that this does not happen, especially in the virtual environment. Observing the teaching of language makes it possible to value it, to recognize it as a living, not static, making its teaching pleasant, modern and appropriate to the reality in which we live. Thus, according to the research carried out, it was verified that there, it needs to be greater commitment, both of the school and of the teachers, to combat prejudice, bullying, and only the teaching of normative grammar. With the help of ICT, which are already part of the studies, through memes it is possible to effectively working on variation and against linguistic prejudice. Thus, in order to arrive at the formation of a more coherent analysis of the thematic proposal presented here, this work started from the studies of Bagno (2007), Tarallo (1994), Bortoni - Ricardo (2002) among other scholars of the subject.

**Key words:** multiliteracies, linguistic variation, linguistic prejudice, bullying.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Apresentação de quadro explicativo das etapas de planejamento da sequência didática elaborada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, pp. 95-128).....	36
Figura 2 – Imagem aérea do Assentamento SINOP, Julho de 1973, às margens da BR-163..	38
Figura 3 – Vista aérea de Sinop (2014).....	39
Figura 4 – Fachada principal da Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes .....	40
Figura 5 – Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes - Av. Rute de Souza Silva .....	42
Figura 6 - Meme 1 .....	51
Figura 7 - Meme 2 .....	52
Figura 8 - Meme 3 .....	52
Figura 9 - Meme 4 .....	53
Figura 10 - Meme 5.....	53
Figura 11 - Meme 6.....	54

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PROFLETRAS – Programa de Mestrado Profissional em Letras

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação - MT

TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação

PNLD - Plano Nacional do Livro Didático

AEE - Atendimento Educacional Especializado

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Alunos da zona urbana e rural que estudam na Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes.....	43
Gráfico 2 – O que você acha da sua fala em relação à língua Portuguesa? .....	43
Gráfico 3 - Você entende tudo que seus colegas falam?.....	44
Gráfico 4 - Os professores fazem correções quanto à sua forma de falar? .....	45
Gráfico 5 - Como se sente quando alguém faz uma correção de algo que você falou?.....	45
Gráfico 6 – Você tem dificuldades de falar com alguém que mora na zona rural?.....	46
Gráfico 7 – Já sofreu algum tipo de preconceito por ter falado algo considerado “errado” por alguém? .....	47
Gráfico 8 – De que forma o preconceito linguístico pode prejudicar o aluno?.....	48

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>1 SOCIOLINGUÍSTICA</b> .....	<b>19</b>
<b>1.1 Variação Linguística</b> .....	<b>22</b>
<b>1.2 Preconceito Linguístico</b> .....	<b>234</b>
<b>1.3 Bullying</b> .....	<b>256</b>
<b>2 MULTILETRAMENTOS</b> .....	<b>28</b>
<b>2.1 Textos Multimodais e tecnologias digitais</b> .....	<b>28</b>
2.1.1 Memes .....	30
<b>2.2 Livro didático adotado na Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes</b> .....	<b>31</b>
<b>3 A INTERVENÇÃO: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>32</b>
<b>3.1 Pesquisa ação</b> .....	<b>32</b>
<b>3.2 Sequência Didática</b> .....	<b>33</b>
3.2.1 Metodologia .....	34
<b>3.3 Locus de Aplicação</b> .....	<b>37</b>
3.3.1 Sinop.....	37
3.3.2 Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes .....	39
3.3.3 Os alunos participantes da pesquisa .....	42
<b>4 ANÁLISES DOS DADOS</b> .....	<b>43</b>
<b>4.1 Descrição das aulas e análise</b> .....	<b>49</b>
<b>4.2 Produção gênero Meme</b> .....	<b>51</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>57</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>60</b>
<b>TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO</b> .....	<b>60</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>67</b>
<b>Apêndice B - ATIVIDADE DE PORTUGUÊS SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA</b> ..	<b>70</b>
<b>APÊNDICE C</b> .....	<b>74</b>

## INTRODUÇÃO

Fale fala brasileira  
Que você enxerga bonito.  
(Mario de Andrade)

Este Projeto nasceu de um desejo de atender as necessidades de se ensinar e aprimorar o conhecimento das variações linguísticas observadas e analisadas, tanto no cotidiano dos alunos do ensino fundamental, dos professores de língua portuguesa, quanto nos materiais disponíveis (livro didático) para o ensino da língua portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental II, mais especificamente no 7º ano da E.E. Nossa Senhora de Lourdes, na cidade de Sinop, localizada na região norte do Estado de Mato Grosso.

Nesse sentido, este trabalho demonstrou, sob à luz da Sociolinguística Educacional, em consonância aos princípios dos Multiletramentos e das Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC, discussões sobre o ensino de Português, variação linguística e preconceito linguístico, que mais recentemente vem trazendo à tona nas escolas o bullying, proporcionando estratégias didáticas para que os alunos do 7º ano não sofram nem o preconceito velado tampouco o bullying, pensando especificamente num ensino pautado na heterogeneidade linguística.

A língua é considerada um meio de comportamento social, e mesmo a sociedade sendo muito diversificada, o uso da linguagem segue um padrão. Entretanto, a língua varia de acordo com as pessoas que a usam e de acordo com o contexto de comunicação na qual é utilizada. Ainda assim, o ensino de línguas visa a propiciar aos alunos a competência comunicativa, ou seja, a “[...] capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação” (TRAVAGLIA, 2002, p. 17).

Considerando o livro didático o principal instrumento utilizado pelo professor de língua materna nas atividades docentes e o ambiente escolar em que o estudante está inserido, o objetivo principal deste trabalho é observar como é a variação linguística dos estudantes do 7º ano da E. E. Nossa Senhora de Lourdes, em Sinop-MT, e como lidam com essas variações, tendo em vista que muitos alunos são migrantes ou descendentes de migrantes, e possuem, cada um, um sotaque diferente, ou até mesmo um vocabulário bastante diversificado. Com a análise do material utilizado em sala de aula, foi possível perceber que a questão da variação linguística somente é abordada em textos e atividades do material do 6º ano, e no material do 7º ano não

há atividades que contemplem essa questão, cabendo ao professor utilizar novos recursos para que a variação linguística seja estudada pelos alunos. Dessa maneira, torna-se a atividade docente mais complexa, pois é necessário um maior esforço, por parte do aluno, acerca da variação e também da percepção do preconceito linguístico e posterior bullying.

O livro didático deve seguir apontamentos propostos pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), que tem como objetivos:

I - aprimorar o processo de ensino e aprendizagem nas escolas públicas de educação básica, com a consequente melhoria da qualidade da educação; II - garantir o padrão de qualidade do material de apoio à prática educativa utilizado nas escolas públicas de educação básica; III - democratizar o acesso às fontes de informação e cultura; IV – fomentar a leitura e estímulo à atitude investigativa dos estudantes; V – apoiar a atualização, a autonomia e o desenvolvimento profissional do professor; e VI – apoiar a implementação da Base Nacional Comum Curricular. (Decreto 9099/2017) (BRASIL, 2017)

Nessa mesma concepção de autonomia da educação, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD tem como diretrizes: o respeito ao pluralismo e as concepções pedagógicas; o respeito às diversidades sociais, culturais e regionais; o respeito à autonomia pedagógica das instituições de ensino; o respeito à liberdade e ao apreço à tolerância; e a garantia da isonomia, transparência e publicidade nos processos de aquisição das obras didáticas, pedagógicas e literárias. E um dos seus critérios, ou seja, a observância às regras ortográficas e gramaticais da língua na qual a obra tenha sido escrita, bem como a observância aos princípios éticos, são itens necessários à construção da cidadania e ao convívio social republicano.

No contexto de sócio interação dos alunos, observou-se que muitos deles sofrem não somente o preconceito linguístico, mas também chegam a sofrer bullying, nas diversas variantes linguísticas, e na maneira como se expressam.

Após a observância do livro didático, percebeu-se que as variantes não aparecem no livro didático do 7º ano, e que as atividades sobre as variedades linguísticas não proporcionam aos alunos o reconhecimento das diferentes variantes linguísticas e os diferentes contextos de uso. Não há atividades que façam com que os alunos percebam os diferentes dialetos e pronúncias da língua materna, para que haja a discussão e a análise sobre os motivos e efeitos das variações da língua, principalmente as utilizadas por eles, seus familiares e também pelos professores, bem como se há interferência no processo de aprendizagem dos mesmos.

Objetivando compreender a variação linguística e o preconceito, o presente trabalho teve como propósito investigar como o preconceito sobre as variações linguísticas influenciam

a vida estudantil dos alunos do 7º ano da E. E. Nossa Senhora de Lourdes, na cidade de Sinop MT. Dessa forma, esta pesquisa abordou, além da variação linguística e o preconceito, o bullying, muitas vezes sofrido pelos alunos no ambiente físico e/ou virtual.

Sou professora no Estado de Mato Grosso há quase 14 anos, atuando em várias escolas de alguns municípios, como Barra do Bugres, Nova Olímpia, Tangará da Serra e mais recentemente, em Sinop, e durante esse período, observei que as relações pessoais se tornaram mais distantes. Os alunos passaram a usar as redes sociais para se comunicar e criar laços que antes ocorriam diretamente na escola. O preconceito deixou de acontecer somente na sala de aula ou no intervalo das aulas, e tomou proporções inimagináveis. Todos têm contato uns com os outros e com as TIC, e o pouco conhecimento sobre a própria língua tem facilitado para a criação de Memes, causando não somente o preconceito, mas também o bullying, o cyberbullying. Durante um intervalo na escola em que estava lotada, a E. E. Nossa Senhora de Lourdes, em Sinop, percebi que isso acontecia e fui para casa pensando no que eu poderia fazer para amenizar essa situação. Foi, então, que surgiu o insight para trabalhar Memes, variação e preconceito linguísticos e bullying, na tentativa de sanar essa dificuldade na Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes. Recentemente, o projeto do governo estadual denominado Anjos da Escola, cujo objetivo é ajudar no combate ao bullying e a indisciplina, também vem ajudando bastante os docentes, mas não é muito divulgado e as atividades são realizadas na plataforma Moodle<sup>1</sup>, o que dificulta a interação entre os docentes.

Nesse sentido, o projeto Variação Linguística, Preconceito Linguístico e Bullying começou a tomar forma quando iniciei o PROFLETRAS. O mestrado profissional em Letras tem como objetivo a realização de um projeto de intervenção na área de Língua Portuguesa em uma escola de educação básica, no Ensino Fundamental II.

Para desenvolver o projeto, analisei o material didático de língua portuguesa da escola, e foi então que percebi que o tema da variação linguística somente aparece de forma irrelevante no primeiro livro da coleção, no 6º ano. Nos livros seguintes, não há nenhuma atividade que faça referência ao assunto. Então, como trabalhar o tema variação linguística e preconceito, se a maioria dos alunos não se lembra do que foi estudado ou da maneira como foi abordado tal tema? Para que o assunto não se perdesse, foi necessário retomar alguns conceitos da

---

<sup>1</sup> Moodle (Modular Object Oriented Distance LEarning) é um sistema gerenciamento para criação de curso online. Esses sistemas são também chamados de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) ou de Learning Management System (LMS). O Moodle é um software livre de apoio à aprendizagem, pode ser instalado em várias plataformas que consigam executar a linguagem php tais como Unix, Linux, Windows. MAC OS.

sociolinguística, e analisar a compreensão que os estudantes tinham frente ao tema estudado. Em seguida, foi possível listar as variantes mais usadas por eles, tendo em vista que suas famílias, em grande parte, vieram de outras regiões do Brasil. Como perceber e tentar extinguir o preconceito e o bullying através das TIC, analisar as diferenças e aceitá-las de maneira que não haja intolerância?

E para que respondêssemos a essas indagações, o presente trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos, sendo que no primeiro trazemos o aporte teórico da Sociolinguística, que engloba a sociolinguística educacional, a variação linguística, o preconceito linguístico e o bullying. Contextualizamos a sociolinguística, seus precursores, o estudo da língua, e os aspectos culturais e sociais.

No segundo capítulo, Letramento, destacamos como o ensino da língua é realizado através do livro didático escolhido pela escola, e que a abordagem do tema das variações linguísticas está presente apenas no 6º ano; nos anos subsequentes, cabe ao professor retomá-lo, e o letramento é feito através das tecnologias digitais disponíveis.

No terceiro capítulo, a Intervenção: procedimentos metodológicos, trazemos a pesquisa bibliográfica, permitindo ao pesquisador um conhecimento mais acurado, fornecendo informações claras sobre o objeto estudado. Também se utilizou da pesquisa ação, uma metodologia muito utilizada em projetos de pesquisa educacional. Com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação podem produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico, o que promove condições para ações e transformações de situações dentro da própria escola, tendo principalmente três pontos: caráter participativo, impulso democrático e contribuição à mudança social. E também a pesquisa de campo, com aplicação de questionários, enquetes, entrevistas. O questionário se constituiu de perguntas abertas, ou seja, direcionadas aos fatores variacionais e sociais da língua; e fechadas, voltadas diretamente para o preconceito linguístico e para o bullying.

No quarto capítulo, Análise dos dados, foi feita a tabulação dos dados da pesquisa, em gráficos, para verificar o preconceito das variações linguísticas e o bullying, além de descrever toda a execução dos Memes, postagens nas mídias digitais da escola, e compartilhamentos entre os alunos. Os alunos produziram seus próprios Memes para o combate ao preconceito e o bullying.

Nas Considerações Finais, toma-se a discussão de que mesmo com projetos, com aulas voltadas para banir o preconceito e o bullying, ainda se faz presente nas escolas a violência, a intolerância, e as inúmeras dificuldades que surgem ao se elaborar atividades usando as TIC.

## 1 SOCIOLINGUÍSTICA

A sociolinguística estuda a língua em toda a sua variedade. É uma das subáreas da Linguística e o seu estudo é a língua em uso dentro das comunidades de fala, correlacionando aspectos sociais e linguísticos (MOLLICA, 2007, p. 10).

Nesse sentido, em relação à aquisição da língua falada no Brasil, Silva ressalta que:

Por todo o período colonial, de 1532 a 1822, a taxa populacional de africanos e afro-brasileiros, de indígenas e seus descendentes somados atinge uma constante média de 70% da população enquanto os portugueses europeus e os seus descendentes perfazem, conseqüentemente, 30% do todo. Esse fator demográfico indica que a massa da população colonial adquiriu a língua hegemônica da colonização, o português europeu, numa situação hoje designada de aquisição imperfeita ou de aprendizagem irregular, isto é, em condições de história familiar que configuram a situação de aquisição de uma língua segunda. Acrescenta-se a essa situação bilíngue/multilíngue o fato de essa aquisição se ter processado plenamente na oralidade, sem sistematização e a pressão normativa da escolarização e conseqüentemente sem o suporte regulador da língua escrita (SILVA, 2004, p. 112).

Sendo a Sociolinguística uma área da Linguística que estuda a língua inserida num contexto social, no início do século XX, uma determinada orientação do trabalho em Linguística excluía qualquer estudo em que se considerasse a natureza social, histórica e cultural na observação, descrição, análise e interpretação do fenômeno linguístico. Labov inaugura uma vertente de estudos de orientação anti-saussuriana, ou seja, contrária à corrente dominante e que deu origem ao Curso de Linguística Geral. Assim, ao invés da *langue* - língua, como fez Saussure, Labov centra seus estudos na *parole*- fala/uso. E ainda enfoca o estudo da fala/uso de um ponto de vista social e não individual. Mas a linguística não está dissociada da sociedade, pois a cultura possui fator importante nos estudos da língua. Sendo assim, os estudos linguísticos passaram a ter referências antropológicas, tendo como base, além da língua, a sociedade. Labov (1963) mostrou a importância dos fatores sociais na explicação da variação linguística, isto é, da diversidade linguística observada.

E foi a partir da década de 60 que o termo Sociolinguística começou a ser utilizado, após um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). Desse modo, essa perspectiva inaugurada por Labov, na qual apresenta como objeto de estudos da Sociolinguística a manifestação da linguagem no contexto social e, sobretudo, em situações informais (CAMACHO, 2005, p. 66), mostra-nos que a linguagem é a expressão mais característica de um comportamento social e, por isso, impossível separá-la de suas funções sócio interacionais.

Após a expansão da Sociolinguística, centrada no contexto social e cultural, ramificou-se em outras vertentes, sendo elas a sociolinguística da linguagem, a Dialectologia Social, a Etnografia da Comunicação e a Sociolinguística Interacional.

Para a Sociolinguística, a língua é um complexo heterogêneo, inacabado, dinâmico, fluido e multifacetado. Além disso, considera-se que a língua é reflexo da sociedade (ALKMIN, 2001; CAMACHO, 2001; MARCUSCHI, 2008; entre outros). Dentro de uma mesma comunidade, podem ocorrer variações devido a fatores políticos, de escolaridade, de gênero, religiosos, econômicos, entre outros. Todavia, a variação também pode ocorrer entre diferentes comunidades, devido a fatores geográficos, principalmente.

Os aspectos sociais são aqueles que determinam as ações que são realizadas. Com essas ações, observa-se que há o domínio social, que o espaço físico é onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais. E em todos os domínios há uma variação, que é inerente à própria comunidade linguística, isto é, fazemos um monitoramento linguístico para nos adequarmos ao domínio social no qual estamos inseridos. Se o aluno está na escola, o uso da língua passa a ser monitorado quando há um diálogo com o professor ou diretor; no entanto, quando o aluno está entre os colegas, não há um monitoramento tão persistente, tornando a fala mais informal.

A Sociolinguística tem como função perceber a variação linguística, analisando cada domínio social e o uso da língua; estuda a língua como um fenômeno social. Mas para Saussure, linguista e filósofo suíço, cujas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da linguística como ciência autônoma, a língua não pertence ao indivíduo, ela é um fenômeno social de todo um grupo. A fala pode variar, falhar, mas a língua escrita é um sistema completo e unificado, e não pode ter erros, e nem falhas.

Assim, os linguistas descobriram que as línguas mudam através dos séculos: comparavam a forma de escrever em 1800 com a forma de escrever a mesma língua em 1500, e viram que eram diferentes. Mas em cada época, a maneira de usar a língua na escrita era bastante padronizada, comparada à fala. Hoje em dia é fácil gravar a língua em uso e ter um registro que pode ser estudado com tanto cuidado e rigor quanto qualquer texto escrito.

A evolução de duas premissas básicas da linguística estruturalista do século XX criou as condições para a emergência do ramo da linguística que veio a ser denominado sociolinguística, graças ao seu caráter interdisciplinar. As duas premissas são o relativismo

cultural e a heterogeneidade inerente e ordenada na língua de qualquer comunidade de fala. (BORTONI-RICARDO, 2006).

A sociolinguística, como aspecto cultural e social, como já mencionado anteriormente, surgiu na década de 60 nos Estados Unidos, liderado pelo linguista William Lavov, também denominada de teoria da variação. Essa corrente leva em consideração aspectos sociais ou diastráticos e geográficos ou diatópicos. Segundo (MUSSALIN; BENTES, 2001, p. 34) “a variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas”. Já sobre os aspectos sociais ou diastráticos, as autoras enfatizam que esses

relacionam um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Neste sentido, podemos apontar os seguintes fatores relacionados às variações de natureza social; a) classe social; b) idade; c) sexo; d) situação ou contexto social. (MUSSALIN; BENTES, 2001, p. 35).

Como vimos, os fatores mencionados acima estão relacionados uns aos outros. Então, falar da língua é falar de um sistema complexo, que segundo Tarallo (1994, p. 6), “a cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é a um só tempo heterogênea e diversificada”. E é precisamente essa situação de heterogeneidade que deve ser sistematizada. A esse respeito, os PCN (1997) proferem que a língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas. (BRASIL, 1997, p. 22).

Se colocarmos o Brasil, como exemplo, que possui uma região territorial imensa e mais de duzentos milhões de habitantes na sua totalidade e afirmar que no país a língua falada é apenas uma, com certeza estaríamos mentindo. Não é verdade? Cada região possui sua própria característica, a variedade usada pelos nordestinos é diferente da usada pelos paraenses e vice-versa. Ambas possuem fatores particulares, sejam eles, sociais, culturais ou geográficos.

A ciência sociolinguística, apesar de muito jovem, diferentemente da gramática, que vem se perdurando durante séculos, tenta quebrar esse paradigma de que a maioria do povo brasileiro fala “errado” o português, e apenas um pequeno aglomerado de pessoas fala um português “correto”, principalmente a classe de maior prestígio na qual os poderes econômicos, políticos e culturais estão centrados. Para Tarallo (1994, p. 62), “cada comunidade de fala é

única; cada falante é um caso individual”. Portanto, a língua não é um bloco sólido como bem afirma Marcos Bagno, muito menos, homogênea.

### 1.1 Variação Linguística

No Brasil, as variações linguísticas presentes carregam suas riquezas, heranças culturais e representam a identidade do povo brasileiro. Pela individualidade, essas variações podem sofrer influências de vários fatores, tais como: políticos, de escolaridade, de gênero, religiosos, econômicos, entre outros. Contudo, a variação também pode ocorrer entre diferentes comunidades, devido a fatores geográficos, principalmente, em que os indivíduos de vários lugares se reúnem com suas particularidades e individualidades.

Esses tipos de variações ficam evidentes quando se escuta um falante da região Sudeste e um da região Nordeste, atribuindo nomes diferentes para o mesmo substantivo, como no Sudeste chamam a mandioca de aipim e no Nordeste a chamam de macaxeira. É possível destacar que em relação aos aspectos sociais, fatores como a classe social, idade, sexo, situação ou contexto social são determinantes nesse processo. E é baseado na sociolinguística, a ciência que estuda a língua falada em um contexto social, que se torna importante para o entendimento do fenômeno e suas implicações em sala de aula nos processos de ensino e de aprendizagem, não só da língua materna como também das diferentes disciplinas e seus linguajares específicos.

Existem basicamente quatro tipos de variações linguísticas: variação diacrônica, que resulta de mudanças ocorridas ao longo da história de uma língua; a variação diatópica, causada por fatores geográficos; a variação diastrática, resultado de fatores sociais, como idade, sexo, classe social, entre outros. E por último, a variação diafásica ou estilística, que diz respeito à adequação a um determinado contexto (ALKMIN, 2001).

A variação existente na Língua Portuguesa é tamanha que, por diversos fatores, torna-se normal, pois o português é falado por mais 200 milhões de pessoas e também em mais de oito países<sup>2</sup>. Vale ressaltar que o Brasil é um país de grande extensão territorial, com diferentes realidades, embora tenha o propósito de ter uma língua oficial que, mesmo com algumas diferenças na fala, possui uma unidade, o que a torna compreensível para todos, cujo ensino é

---

Portugal, Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde, Brasil, Moçambique, Timor Leste, São Tomé e Príncipe e Guiné Equatorial.

formalizado por meio de materiais e diretrizes, tornando-se possível tanto sua unicidade quanto sua análise.

Na oralidade, não nos preocupamos com a norma culta, formal, ou se o que falamos será escrito de forma correta, se as palavras utilizadas poderão estar em texto, pois “[...] nesse caso, o falante não está preocupado com o que é “certo” ou “errado” segundo as regras ditadas pela comunidade” (TERRA, 2008, p. 84). No entanto, percebemos que o oposto acontece quando vamos escrever, a preocupação fica evidente, pois a língua escrita precisa ser planejada.

Diante desse planejamento, a postura linguística influencia diretamente a escola, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa, pois a escola tem priorizado o ensino da gramática normativa, ou seja, a norma culta, que é a única a ter espaço nas aulas (CAMACHO, 1983). Portanto, o ensino de línguas no contexto brasileiro tem um caráter reducionista, ao não explorar as dimensões existentes no complexo linguístico (SUASSUNA, 2005).

## **1.2 Preconceito Linguístico**

O preconceito linguístico é um dos males da sociedade contemporânea, principalmente quando parte de pessoas que se dizem cultas ou que se denominam verdadeiros “donos” do português brasileiro. Dominar uma variante de prestígio, como a norma padrão de uma língua, não significa dizer que outra variante seja rudimentar, pobre, incapaz, etc.

Com isso, após passar pela graduação, o professor ainda encontra dificuldade de lidar com o preconceito, pois mesmo com uma nova visão, com novos saberes ainda fica limitado ao sistema pedagógico implantado pela escola, ocasionando diversos conflitos sociais, mesmo a escola sendo é diversificada, cada aluno tem seu próprio caráter cultural, sua própria identidade.

Bagno (2007), sobre este aspecto, compara a língua com um iceberg, na qual a norma culta é aquela parte superficial que flutua na superfície do oceano e a língua é a parte que fica para as profundezas, que é justamente a língua viva, que não está estática, parada no tempo, e que é utilizada pela maioria do povo brasileiro; enquanto que a gramática normativa é a menor parte, porém tende a ser autoritária, intolerante e repressiva com os alunos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998) orientam que o preconceito linguístico, como qualquer outro preconceito, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser combatido com vigor e energia (BRASIL, 1998, p. 82).

Existem diversos tipos de preconceito disseminados na e pela sociedade e precisam ser combatidos com inteligência, sabedoria e praticidade. Assim, como há preconceito sobre o negro, a sexualidade, a religião, existe também o preconceito linguístico, no qual as pessoas são julgadas pela sua própria maneira de falar. Muito embora, todo cidadão tenha o direito de se expressar, seja quem for.

Atitudes preconceituosas são comuns no nosso cotidiano, mas o mais repugnante é quando parte de profissionais da área da educação, pois deveriam ser as pessoas mais indicadas para mediar e conscientizar seus alunos a terem um posicionamento crítico e conhecedor dos seus direitos. Educá-los para que sua língua, sua cultura, seus costumes, seus hábitos não sejam prejudicados ou considerados atrasados, e sim, únicos e com características próprias.

Em uma entrevista feita por Carla Viana Coscarelli a Marcos Bagno, para a Revista *Presença Pedagógica*, o autor ressalta que o primeiro passo para combater o preconceito linguístico na escola é

[...] o professor assumir que não é falante desse português idealizado e que os seus alunos também não serão, porque, na verdade, ninguém é. É fundamental que o professor reconheça sua própria fala como uma atividade social, como uma manifestação legítima da língua e, principalmente, passe a associar a discriminação que é feita por meio da linguagem com as discriminações que são feitas na sociedade [...]. (PRESENÇA PEDAGÓGICA, 2008, p. 10)

Os professores, ao saírem da graduação, ainda com o frescor dos conhecimentos adquiridos na universidade, com uma visão mais ampla e aguçada, se deparam com um problema quase imperceptível no dia a dia da sala de aula, ou seja, ensinar seus alunos com metodologias ultrapassadas, tendo como suporte o livro didático, que não traz a vivacidade da sabedoria que ele agora possui, tendo, então, que retomar o modelo pedagógico de ensino da gramática tradicional. Em consequência disso, todo o conhecimento e atividades que o professor adquiriu, acabam caindo em desuso, tornando o ensino e a realidade escolar monótonos, cansativos e distantes da realidade vivenciada.

Nesse sentido, Marcos Bagno (2007) diz que o preconceito linguístico

se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática- dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente [...]” (BAGNO, 2007, p. 38 - paginação de pdf)

Esse preconceito situa-se na existência de uma língua padrão e em uma não-padrão, e por existir essa diferença, começa o chamado caos linguístico, defendido por Tarallo (1994), que é justamente a presença de mais de uma variação existente em uma sociedade. Segundo os

PCN (1997), “[...] há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar é [...] comum considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas” (BRASIL, 1997, p. 26). É como se quem falasse uma variante diferente da norma padrão estivesse cometendo erros, e não é bem assim, pois cada pessoa tem o direito de se manifestar livremente, principalmente quando é para mostrar sua identidade cultural e social, e nada melhor utilizar-se da sua própria língua para apresentar-se. Ainda nos PCN (1998), a língua é o veículo principal para os humanos serem diferenciados e contribui para que haja a socialização de um grupo de fala.

Assim, a linguagem nos é concedida para que a comunicação exista em diversas situações de conversação e/ou comunicação. Bortoni-Ricardo (2004), a respeito da comunicação, considera que um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais. Os papéis sociais são um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais que são construídos no próprio processo da interação humana. Assim a língua se torna o signo que melhor representa a figura humana e identifica de onde somos e quem somos.

Possenti (1996, p. 22) afirma que a “norma não-padrão possui regras gramaticais perfeitamente entendíveis, caso contrário, os ‘donos’ do português brasileiro não se comunicariam com indivíduos, chamados de jecas, caipiras e outros”.

## **1.2 Bullying**

Bullying é um fenômeno que se caracteriza por atos de violência física ou verbal, e mais recentemente, virtualmente, que ocorrem de forma repetitiva e intencional contra uma ou mais vítimas. O fenômeno começou a ser estudado na Suécia, na década de 1970. No cenário brasileiro, foi, sobretudo, na década de 1990 que o bullying passou a ser discutido, mas foi, a partir de 2005, que o tema passou a ser objeto de discussão em artigos científicos (LOPES, 2005). Embora os estudos sobre o bullying escolar no Brasil sejam recentes, o fenômeno é antigo e preocupante, sobretudo em função de seus efeitos nocivos (LOPES, 2005; TREVISOL; DRESCH, 2011).

Um exemplo dos efeitos nocivos desse fenômeno foi a tragédia na Columbine High School (Colorado, EUA), em 1999, que, por seu destaque na mídia local e internacional, chamou a atenção de governantes, especialistas no assunto, familiares e pesquisadores (VIEIRA; MENDES; GUIMARÃES, 2009). Eric Harris, de 18 anos, e Dylan Klebold, de 17,

dois estudantes da escola, mataram 12 colegas e um professor, deixaram outras 23 pessoas feridas e cometeram suicídio, totalizando 15 mortos. A motivação para o ataque seria vingança pela exclusão social que os dois teriam sofrido. Eles foram acusados de terem influências neonazistas. Os dois invadiram a escola atirando nos estudantes e escolhendo os alvos entre os atletas e as minorias na escola de quase 2.000 alunos. O ataque suscitou sérias discussões sobre o controle de armamentos, maus-tratos a adolescentes nas escolas e segurança nas instituições de ensino norte-americanas, e se tornou referência em relação à violência nas escolas. Ainda na perspectiva dos efeitos nocivos do bullying, observa-se que os alunos que o sofrem tendem a não participar das aulas de forma verbal, além de afetar negativamente a autoestima desses estudantes.

O bullying está presente entre os meninos e meninas, e é necessário que os professores fiquem atentos ao que se passa em sala de aula e na escola como um todo. A maior parte das agressões são verbais, e muitas vezes estão relacionadas ao linguajar dos alunos e/ou familiares. Percebe-se que o *cyberbullying* também está presente nos dias atuais dos estudantes, pois sua imensa maioria faz uso das redes sociais ou alguma outra mídia conectada à rede. São exemplos de *cyberbullying*: ameaças/perseguições: por meio de correio eletrônico e por celular (envio de SMS); por e-mail: enviar mensagens de conteúdo obsceno, rude ou violentos em nome da pessoa que está sofrendo bullying para a sua lista contatos; por aplicativos de bate papo ou em chats: difundir boatos, fazendo-se passar pela vítima e ofender as pessoas com quem fala; o roubo de identidade ou de senhas para login: o agressor serve-se delas para entrar em outras contas fazendo novas vítimas. Fofocas e rumores são espalhados sobre a vítima através do jornal eletrônico da escola em forma de spam. Postar um perfil falso, ruim e maldoso em sites de relacionamento usando o nome, foto e informações de contato verdadeiras de um aluno (vítima). O uso dos blogs também é comum. Sites de “votação”. O agressor cria o tema para votação do “Mais Impopular”, “O Mais Gordo”, etc., visando denegrir a imagem da vítima. Inscrições em sites de pornografia, fóruns racistas em nome da vítima.

Meninos normalmente cometem bullying diretamente e as meninas indiretamente. O primeiro é caracterizado, sobretudo, por agressões físicas, e o segundo envolve agressões mais sutis, manifestando-se de forma verbal. Sendo assim, o bullying pode estar presente nas relações de modo explícito, mas também pode manifestar-se sutilmente, podendo ser confundido com brincadeiras típicas da idade. Por isso, é preciso que os profissionais da educação saibam identificar para intervir adequadamente (FRANCISCO; LIBORIO, 2009; SILVA, 2010).

O professor deve avaliar e analisar continuamente as relações entre professor-aluno, aluno-aluno, aluno-escola para tentar combater o bullying relacionado principalmente ao preconceito linguístico e à variação linguística em sala de aula.

Os professores também observam que o bullying prejudica o trabalho em sala de aula, principalmente porque sempre se relaciona bullying à indisciplina e, conseqüentemente, à dificuldade de aprendizagem (TREVISOL; DRESCH, 2011).

Casos recentes de bullying relacionando variação linguística e também o comportamento dos estudantes têm sido um dos maiores problemas enfrentados pelas escolas e principalmente pelos professores que estão sempre em contato com os alunos, pois muitas vezes essas situações passam despercebidas, principalmente as verbais em sala de aula. Possivelmente um dos maiores desafios da escola seja assumir a sua parcela na responsabilidade em relação aos atos de bullying. Para tanto, é fundamental fazer uma sensibilização do professor quanto ao bullying e às suas repercussões na vida das crianças e dos adolescentes. No entanto, mesmo que a maioria dos professores já tenha sofrido bullying em sua trajetória escolar, isso não significa que eles saberão identificar e adequadamente intervir (NIKODEM; PIBER, 2011).

Considerando que o bullying faz parte do cotidiano escolar, políticas públicas devem se preocupar com segurança e também precisam ser objeto de atenção nas escolas. Tendo em vista a relevância desse tema presente em praticamente todas as escolas do país, o projeto de intervenção que propomos se mostra de grande valia para apresentar não somente aos professores de língua portuguesa, que trabalham as variações linguísticas, como também aos demais professores, várias atividades que podem ser feitas para que o bullying seja menos praticado nas escolas, tanto de forma física, verbal ou virtual.

É importante destacar que, antes que seja necessário o relato às autoridades competentes, a prevenção sempre será o melhor a ser feito pelas escolas, professores e responsáveis. As escolas têm feito isso através de programas ou campanhas esclarecedoras sobre o tema.

## 2 MULTILETRAMENTOS

Diferentemente do conceito de letramentos (múltiplos), que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de Multiletramentos aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presente nas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (ROJO, 2012, p. 13).

### 2.1 Textos Multimodais e tecnologias digitais

Textos multimodais são textos que têm vários meios de comunicação, desde desenhos até mesmo propagandas de rádio, entres outros meios. Segundo ROJO (s/d), um texto ou enunciado é um dito (ou cantado, escrito ou mesmo pensado) concreto e único, “irrepetível”, que gera significação e se vale da língua/linguagem para sua materialização, constituindo o discurso. A autora considera que cada texto é “irrepetível”, pois ainda que seja “o mesmo”, ou muito semelhante a um outro texto, estará enunciado em um novo contexto, o que modifica suas relações de sentido (ROJO, s/d).

Estes textos, hoje em dia, são fundamentais para a nossa sociedade, acessamos o YouTube, tweets, chats, posts, memes, funzines, clips, entre outros mais. Tudo isso para estarmos atentos ao que está acontecendo, tanto em nosso país como também no mundo. É uma outra forma de divulgar as notícias que estão acontecendo, utilizando-se outras materialidades.

As propagandas que vemos hoje na televisão, na internet ou em outros meios de comunicação, são consideradas como Textos Multimodais, os quais possuem várias formas de divulgar. Com isso as lojas ou empresas ganham em opções, já que, de um único produto, podem ser feitas várias propagandas de várias maneiras.

Esses novos meios de comunicação nos têm proporcionando uma melhora muito significativa, pois pode-se comunicar de uma maneira melhor e mais rápida. Como exemplo, os memes, uma expressão da internet usada para descrever um conceito de imagem, vídeos, GIFs<sup>3</sup> e/ou relacionados ao humor, que se espalha via rede. O termo é uma referência ao

---

<sup>3</sup> GIF (Graphics Interchange Format ou formato de intercâmbio de gráficos) é um formato de imagem muito usado na Internet, e que foi lançado em 1987 pela CompuServe, para disponibilizar um formato de imagem com cores

conceito de memes, que se refere a uma teoria ampla de informações culturais, criada por Richard Dawkins em seu *best-seller* de 1976, o livro *The Selfish Gene* ou "*O Gene Egoísta*".

A palavra tecnologia é de origem grega: tekne, que significa “arte, técnica ou ofício”; já a palavra logos significa “conjunto de saberes”. Por isso, essa palavra define conhecimentos que permitem produzir objetos, modificar o meio em que se vive e estabelecer novas situações para a resolução de problemas vindos da necessidade humana.

Surge, então, um novo formato de educação, no qual giz, quadro e livros não são mais os únicos instrumentos para ministrar aulas, pois, hoje, há muitos avanços tecnológicos a favor do professor, os quais lhe permite o desenvolvimento de aulas a partir dessas tecnologias, necessitando, assim, desenvolver um conjunto de atividades didático-pedagógicas a partir das tecnologias disponíveis na sala, e também a partir do que os alunos trazem consigo: celulares, tablets, calculadoras científicas, entre outras.

As principais tecnologias usadas pelos professores eram o quadro, o giz, o livro didático; pelos alunos, os materiais escolares (lápiz, caneta, caderno, etc.), carteiras e cadeiras. Mas hoje isso mudou por completo, pois crianças com quatro anos de idade já têm celulares, tablets, já sabem mexer no computador. A essa geração, Prensky (2001) deu a denominação de nativos digitais, pois já nasceu dentro dos avanços tecnológicos.

No mundo em que vivemos tudo o que fazemos é tecnologia, por isso temos que estar preparados para esses avanços tecnológicos e integrar novas tecnologias à sala de aula. Isso ainda não é frequente e é também um desafio, já que muitos professores ainda usam o livro didático em suas práticas de ensino e não possuem o domínio das tecnologias digitais, sem contar que muitas vezes nem as escolas possuem as tecnologias necessárias para que as aulas aconteçam. Os modelos de laboratório de informática disponíveis para os alunos são obsoletos e não atendem as necessidades da nova geração, mesmo oriunda das escolas públicas. Assim, o professor se restringe às aulas tradicionais usando apenas o livro didático, e como consequência, os alunos não demonstram muito interesse em participar, já que as aulas se tornam cansativas, monótonas e desgastantes.

---

em substituição do formato RLE, que era apenas preto e branco. Um GIF animado é o termo dado às animações formadas por várias imagens GIF compactadas numa só. É utilizado para compactar objetos em jogos eletrônicos, para usar como emoticon em mensageiros instantâneos e para enfeitar sites na Internet.

Portanto, deve-se discutir, hoje, em relação à sala de aula, a necessidade de mudar as maneiras de ensinar, de repensar as metodologias, considerando-se os contextos atuais permeados por diversos objetos tecnológicos digitais.

### 2.1.1 Memes

O termo denominado Meme foi criado pelo escritor Richard Dawkins, em seu livro *The Selfish Gene* (O Gene Egoísta, lançado em 1976), cujo significado é um composto de informações que podem se multiplicar entre os cérebros ou em determinados locais, como livros. A síntese de seu livro é sobre o Meme, tido como uma evolução cultural, capaz de se propagar, e que pode ser considerado uma ideia, um conceito, sons ou qualquer outra informação que possa ser transmitida rapidamente. Apenas como curiosidade, o estudo deste conceito é chamado de memética.

Em referência ao campo da informática, a expressão Memes de Internet é utilizada para caracterizar uma ideia ou conceito, que se difunde através da web rapidamente. O Meme pode ser uma frase, link, vídeo, site, imagem, entre outros, os quais se espalham por intermédio de e-mails, blogs, sites de notícia, redes sociais e demais fontes de informação.

É comum os Memes se transformarem nos chamados virais, os quais se beneficiam para divulgar e propagar de uma forma extremamente rápida. Uma das aplicações dos Memes é divulgar produtos, serviços e/ou propagandas, pois devido a seu quase instantâneo crescimento, virou alvo de estudo das indústrias, interessadas em vender seus produtos. Os Memes são utilizados comercialmente para espalhar o denominado Marketing Viral, Guerrilha e Buzz Marketing (publicidade massiva).

Os Memes da Internet são amplamente utilizados por todos que acessam as redes sociais, pois proporcionam maior expansão dos conteúdos e de maneira diferenciada atingem todos os usuários da rede. Nas escolas os Memes são utilizados entre os estudantes em forma de humor, mas observa-se também o preconceito e o bullying.

São infinitos os exemplos de Memes, por isso existem sites específicos deste tema como o Know Your Meme, que lista alguns tipos e explica o conceito. Dois tipos de Memes mais comuns podem ser frases, comumente acompanhadas de figuras, são informações com tom de deboche e trocadilhos; ou desenhos, são imagens com traços caricatos ou fotos adaptadas a desenhos. Graças aos Memes, os denominados fenômenos da internet ganham força e um espaço na Web rapidamente. (<<https://www.infoescola.com/comunicacao/memes/>>.)

O período de vida de um Meme na internet pode ser infinito ou efêmero, bem como o seu conteúdo que está sujeito a evoluir ao longo do tempo, pois uma vez postado, a informação estará sujeita a comentários, críticas, efeitos negativos e outros tipos de intervenções e reações. A característica principal do Meme é justamente a possibilidade de ser recriado por qualquer um e a qualquer momento. Contudo, os Memes são qualquer tipo de informação, ideia ou conceito, os quais poderão ser transmitidos de um local para outro de forma rápida.

Deve-se pensar que tudo é tecnologia, e fazer o uso dessas tecnologias em sala de aula torna-se fundamental em nossas vidas; e nas aulas, pode-se pensar também que é um recurso que o professor tem a seu favor.

## **2.2 Livro didático adotado na Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes**

A coleção do livro didático de Língua Portuguesa “Projeto Teláris”, Editora Ática, é utilizado na Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes, em Sinop – MT.

Analisando o livro do 6º ano em uma das disciplinas do PROFLETRAS, observa-se que a variação linguística se apresenta de forma tímida se compararmos com a coleção analisada no ano de 2017, ou seja: a variação linguística aparecia bem pontual em um capítulo do livro. Podemos dizer, então, que esta coleção está fazendo o seu papel, trazendo esta temática em três momentos do livro do 6º ano, e também nas atividades complementares, com atividades diferenciadas e textos variados também. Por outro lado, por tratar-se de uma exigência, ou seja, seguir os parâmetros do PNLD – Programa Nacional do Livro Didático, para que se trabalhe a variação linguística, podemos pensar que um livro de mais de 250 páginas poderia dedicar mais capítulos a este assunto; no livro do 6º ano, a variação linguística está presente nas páginas: 32/33/34/35/36/37/38/39; 64/65/66; 137/138; atividades complementares, 264/265.

Já ao analisarmos os livros dos outros anos, aparece apenas em uma página no livro do 7º ano, uma atividade significativa (ver página 237); os livros dos 8º e 9º anos não apresentam atividades significativas ou relevantes à variação linguística.

Somente no livro do 6º ano os textos fogem aos clichês, como a história em quadrinhos do Chico Bento. Esse livro traz texto, fragmento de texto (p. 32), comparação de dois textos (p. 34), letra de música (p. 36), bilhete (p. 65), proposta de produção textual (p. 67), letra de música, (p. 137), gênero carta (p. 264).

A terminologia utilizada deve ser explicada ao aluno pelo professor, algumas são acessíveis e compreensíveis, e outras o livro trata de explicar com notas. (p. 33/35).

### **3 A INTERVENÇÃO: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Com base no tema proposto, esta pesquisa foi desenvolvida a partir de duas etapas, sendo elas a pesquisa bibliográfica e a pesquisa ação.

A pesquisa bibliográfica é feita por meio de leituras de livros, revistas, jornais, artigos e etc., com o intuito de coletar o máximo de informações possíveis a respeito do tema estudado, o que possibilita um preparo melhor para o procedimento durante a pesquisa de campo, demonstrando realmente que o investigador conhece o conteúdo para possíveis indagações do público em questão.

Desta forma, a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador um conhecimento mais acurado, fornecendo informações claras sobre o objeto estudado. Além, é claro, de ampliar seu conhecimento, esse tipo de pesquisa torna, assim, um importante instrumento para o investigador que busca respostas.

Já a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo. (THIOLLENT, 1985, p. 14).

#### **3.1 Pesquisa ação**

A pesquisa-ação é uma metodologia muito utilizada em projetos de pesquisa educacional. Segundo Thiollent (2002, p. 75 apud VAZQUEZ; TONUZ, 2006, p. 2), “com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico”, o que promoveria condições para ações e transformações de situações dentro da própria escola.

Outros dois autores, Kemmis e Mc Taggart (1988, apud ELIA; SAMPAIO, 2001, p.248), ampliam esta forma de entendimento do conceito de pesquisa-ação com as seguintes palavras:

Pesquisa-ação é uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. A abordagem é de uma pesquisa-ação apenas quando ela é colaborativa (KEMMIS; MC TAGGART, 1988, apud ELIA; SAMPAIO, 2001, p. 248).

O aspecto inovador da pesquisa-ação se deve principalmente a três pontos: caráter participativo, impulso democrático e contribuição à mudança social.

Assim, a pesquisa-ação beneficia seus participantes por meio de processos de autoconhecimento e quando enfoca a educação, informa e ajuda nas transformações dentro do ambiente escolar, no processo de formação do cidadão crítico e participativo.

Segundo Elliott (1997, p.15), a pesquisa-ação permite superar as lacunas existentes entre a pesquisa educativa e a prática docente, ou seja, entre a teoria e a prática, e os resultados ampliam as capacidades de compreensão dos professores e suas práticas, por isso favorecem amplamente as mudanças.

### **3.2 Sequência Didática**

Sequência didática corresponde a um conjunto de atividades articuladas que são planejadas com a intenção de atingir determinado objetivo didático. É organizada em torno de um gênero textual (oral ou escrito) ou de um conteúdo específico, podendo envolver diferentes componentes curriculares. Ou seja, “Sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97). No caso de sua relação com o ensino da escrita, a sequência pode ter como objetivo ajudar o aluno a dominar melhor um determinado gênero textual, favorecendo uma comunicação mais adequada em dada situação em que o uso do gênero trabalhado se faz necessário (planejamento e produção de uma apresentação oral em evento da escola, ou de cartas do leitor a serem enviadas a revistas, por exemplo). É importante que as atividades propostas na sequência didática para o trabalho com gêneros textuais atendam à finalidade do gênero e a possibilidade de adequação aos destinatários que estão fora da escola, e não apenas para o professor e os colegas de turma. Um segundo caso, em que a sequência é organizada em torno de conteúdo específicos, o foco é a apropriação de um determinado conceito ou procedimento (uso de determinada regra ortográfica, discussão sobre reciclagem, entre outros).

A escolha do modelo de sequência didática a ser utilizado está relacionada aos objetivos que o docente pretende alcançar diante das necessidades dos alunos. Independentemente do modelo escolhido, em uma perspectiva sóciointeracionista, tais objetivos e necessidades são baseados nos seguintes princípios didáticos: valorização dos conhecimentos prévios dos alunos; ensino centrado na problematização; ensino reflexivo, com ênfase na explicitação verbal;

ensino centrado na interação e na sistematização dos saberes; utilização de atividades diversificadas, desafiadoras e com possibilidade de progressão (das atividades mais simples às mais complexas) – lembrando que uma única atividade pode mobilizar diferentes conhecimentos e estimular diferentes habilidades. (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004).

A partir de uma sequência didática, o professor pode realizar um trabalho articulado em vários eixos de ensino (leitura, produção escrita, oralidade e análise linguística), bem como organizar os alunos de diferentes maneiras (em pequenos grupos, duplas, individualmente ou coletivamente), de acordo com os objetivos didáticos e as necessidades dos estudantes, possibilitando aprendizagens diferentes.

A sequência didática é uma forma de organização do trabalho pedagógico que permite antecipar o que será focado em um espaço de tempo que é variável em função do que os alunos precisam aprender, da mediação e do constante monitoramento que o professor faz para acompanhar os alunos, por meio de atividades de avaliação durante e ao final da sequência didática proposta por Dolz; Noverraz; Schneuwly (2004).

### 3.2.1 Metodologia

Neste projeto de intervenção, de pesquisa-ação, realizado na Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes, na cidade de Sinop, localizada na região Norte do Estado de Mato Grosso, procurou-se dar ênfase nos processos de ensino e de aprendizagem da Língua Portuguesa e das variações linguísticas, que ocorrem no cotidiano da sala de aula, da comunidade escolar, e como esse estudo está amparado pelos materiais didáticos oferecidos pelo governo (o livro didático), e também como o professor pode amenizar os preconceitos linguísticos que possam vir a ocorrer entre os alunos, tendo em vista que os mesmos são oriundos das mais diversas regiões do Brasil, procurando combater o bullying de forma a erradicar agressões físicas e verbais.

Para desenvolver esta investigação, foi realizada uma pesquisa-ação, caracterizada como um estudo que ocorre num local, a sala de aula, e mediante um problema nesse local, procura-se entendê-lo e solucioná-lo; neste tipo de estudo o observador pode ser participante (LUDKE; ANDRÉ, 2013).

Na pesquisa realizada com uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental desta instituição pública, verificou-se que os alunos já possuíam certo conhecimento sobre as variações linguísticas, uma vez que o estudo já fora introduzido superficialmente no 6º ano, conforme já observado e discutido com a professora regente da turma.

Assim o projeto teve a duração de um bimestre, com uma aula semanal de Língua Portuguesa, sendo realizada a coleta dos dados para posterior criação do gênero Meme, o qual foi produzido pelos próprios alunos, por meio de aplicativos grátis, oferecidos pela internet, e celulares, com relatos ou histórias dos mesmos e/ou seus familiares sobre as variações linguísticas e o preconceito linguístico (bullying). Ressalta-se que, atentando-se aos princípios éticos que orientam as pesquisas científicas, e em respeito aos envolvidos, foi preservada a identidade dos alunos participantes, cujos nomes foram substituídos pelas denominações “Aluno 1”, “Aluno 2”, assim por diante.

Para a obtenção dos dados, foi feito, primeiramente, a aplicação de um questionário geral para os alunos do 7º ano da referida escola, concernente ao uso da língua e as suas variações, sobre preconceito e bullying nas interações no dia a dia na comunidade escolar. Segundo os professores, os alunos do período vespertino são mais agitados, dispersos e têm mais dificuldades de aprendizagem; e, por conseguinte, praticam mais preconceito e bullying entre eles.

No tocante ao questionário, de acordo com Lakatos (2003, p. 201),

[...] é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador [...] como toda técnica de coleta de dados, o questionário também apresenta uma série de vantagens e desvantagens.

E conforme Gil (1989, p. 24), “o questionário pode se definir como uma técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

Trata-se de uma ferramenta de pesquisa de campo que potencializa respostas rápidas, economia de tempo, maior número de dados, proporcionando, assim, um trabalho prático e eficaz. De acordo com Tarallo (1994), este modelo de pesquisa é rotulado por sociolinguística quantitativa por operar com números e tratamento estatísticos dos dados coletados<sup>4</sup>.

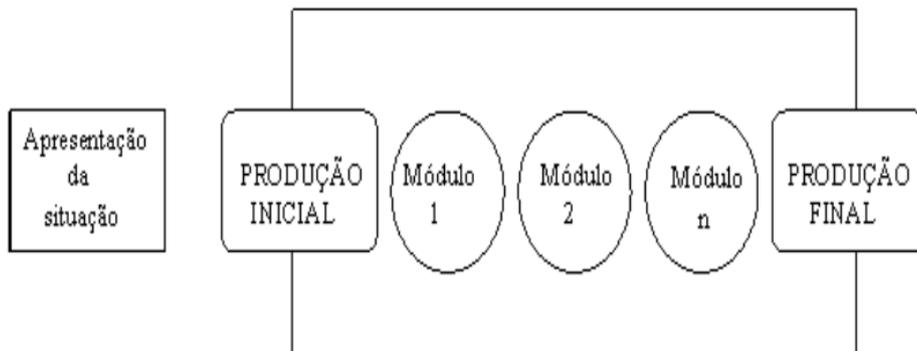
O projeto de intervenção foi realizado durante as aulas de Língua Portuguesa, uma vez por semana, com duração de 50 minutos, durante o último bimestre de 2018. Foram aplicados questionários para sondagem sobre variações linguísticas, preconceito e bullying. Após análise dos questionários, as atividades foram realizadas em módulos, observando as diretrizes da sequência didática. O esquema a seguir, apresentado por Dolz e Scheneulwy (2004), é uma

---

<sup>4</sup> O questionário se encontra no Apêndice A.

representação do processo de trabalho em sequência didática para produção textual, seja oral ou escrita.

Figura 1 - Apresentação de quadro explicativo das etapas de planejamento da sequência didática elaborada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, pp. 95-128)



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 95-128)

Apesar de a escola estar localizada na zona urbana, esta é considerada uma escola de periferia, que abriga inúmeros alunos que vêm de bairros distantes, muitos dependem do transporte escolar, tornando assim um ambiente rico em diversidades culturais.

Devido à existência de alunos da zona urbana e da zona rural, a escola torna-se um campo propício para tratar de questões sociolinguísticas, pois, nos atos de comunicação entre os falantes de zonas diferentes, podem ser observados diversos fatores que implicam nas diferenças socioeconômicas e, conseqüentemente, linguísticas dos interlocutores, bem como preconceito e bullying entre eles.

A amostra da pesquisa foi composta por 22 participantes, todos alunos do 7º ano, do ensino fundamental II, divididos em: dez do sexo masculino e 12 do sexo feminino, com idades entre 12 e 13 anos, todos do turno da tarde.

De posse dos dados das entrevistas e dos questionários, foi feita uma análise quantitativa e qualitativa dos dados.

### 3.3 Locus de Aplicação

O projeto de intervenção ocorreu na Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes, com alunos do 7º ano do período vespertino, no município de Sinop, região Norte do Estado de Mato Grosso. Nos itens subsequentes, apresentamos mais detalhadamente este locus de intervenção.

#### 3.3.1 Sinop

Sinop é um município brasileiro do Estado do Mato Grosso, localizado na Região Centro-Oeste do Brasil. Sua população, em 2018, é estimada em 139.935 e é conhecida como a Capital do Nortão, sendo atualmente polo de referência em todo o norte mato-grossense.

Sua denominação deriva-se do acrônimo de Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná, nome da empresa responsável pela colonização do norte de Mato Grosso por agricultores provindos do norte do Paraná.

O processo que ocupou a área na qual atualmente se situa a área urbana do município de Sinop se iniciou em 1972, durante a aquisição de mais de 500 mil hectares de terreno de outras pessoas pela Colonizadora Sinop S.A., que se localiza numa distância de 500 km de Cuiabá na BR-163 (Cuiabá-Santarém), e a criação da Gleba Celeste. Quando o projeto foi implantado e executado por Roberto Brandão, 400 homens e máquinas cruzaram, no começo, o Rio Verde, construindo as primeiras picadas na selva, para que fossem erguidas quatro cidades (Sinop, Vera, Santa Carmem e Cláudia), 1.400 quilômetros de estradas vicinais, campos experimentais, centros comunitários, escolas, infraestrutura de apoio para que fossem atendidos os novos habitantes, brasileiros do total das regiões do país que, num fenomenal processo de crescimento da população, afluíram para que fossem enfrentadas as dificuldades que os impediam de ocupar o norte de Mato Grosso; e a "mística do Nortão" foi forjada pelos compatriotas.<sup>5</sup>

As primeiras ruas de Sinop começaram a ser abertas em maio de 1972 e por pouco tempo as primeiras famílias de pioneiros vieram à cidade. Naquele momento, o tempo de demora do viajante entre o interior do Paraná e Sinop era superior a sete dias. Porém, embora isso fosse muito difícil, crescia a migração direcionada para Oeste, pela qual era acompanhada a fronteira agrícola que adentrava o Norte de MT. E, possivelmente, isso não resultaria em outra

---

<sup>5</sup> WIKIPEDIA. Sinop. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Sinop>>. Acesso em: 11/02/2019.

coisa: no dia em que foi fundada, em 14 de setembro de 1974, a cidade de Sinop era, de verdade, um canteiro de obras, com cerca de 20 quadras.

Figura 2 – Imagem aérea do Assentamento SINOP, Julho de 1973, às margens da BR-163.



Fonte: Acervo Fotográfico do Ten.Cel. Jaime Ribeiro.

Atualmente, o crescimento de Sinop continua. Em 1974, ninguém teria capacidade de imaginação que, em menos de três décadas mais tarde, a estimativa da população era de aproximadamente 100 mil habitantes naquele lugar — uma cidade que hoje é polo de referência no Norte de Mato Grosso inteiro, no que concerne aos aspectos médico-hospitalares, educacionais, industriais, comerciais, recreativos e a demais áreas.

Sinop conta com mais de 25.000 estudantes matriculados nas escolas públicas e privadas, segundo o IBGE, 2017. No município existem diversas escolas de ensino básico e médio, que é conhecido por ser uma cidade universitária, pois possui diversas instituições de ensino superior, tais como: Instituto Federal do Mato Grosso -(IFMT) - Campus Avançado Sinop; Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT; Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT; Universidade de Cuiabá - UNIC, e Faculdade FASIPE (FASIPE).

A cidade tem 24 escolas que atendem o ensino infantil, 12 escolas públicas municipais, 12 escolas privadas. Mais de 40 que atendem o ensino fundamental, sendo 11 escolas públicas estaduais, 21 escolas públicas municipais e nove escolas privadas. E 13 escolas para o ensino médio, sendo sete escolas públicas estaduais, seis escolas privadas. Existem na cidade várias escolas de ensino de línguas estrangeiras, sendo algumas dessas: CNA, Fisk, inFlux e Wizard.

Figura 3 – Vista aérea de Sinop (2014)



Fonte: Disponível em: <<http://www.conhecendomt.com.br>>. Acesso em: 24 out. 2018.

### 3.3.2 Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes

A Escola Nossa Senhora de Lourdes surgiu com a finalidade de atender aos princípios estabelecidos pela LDB, Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional, ministrando o Ensino fundamental e Médio, observando a legislação vigente para cada caso. As informações sobre a escola foram coletadas a partir do PPP – Projeto Político Pedagógico, fornecidos pela direção e também através de conversas com os professores mais antigos que ainda trabalham na escola.

Fundamentalmente, objetiva oportunizar aos estudantes a formação necessária para o desenvolvimento de suas potencialidades como elementos de auto realização, preparando-os para a inserção social de forma consciente ao exercício da cidadania. Assegurar aos alunos o respeito às diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas que atravessam uma sociedade múltipla frente ao processo Ensino-aprendizagem numa interação constante e dinâmica em busca da construção do conhecimento e assimilação de valores importantes para seu desenvolvimento.

Figura 4 – Fachada principal da Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes



Fonte: Acervo da escola, 2017

Enfim, desenvolver o espírito crítico proporcionando condições de formação do educando de acordo com as possibilidades da realidade escolar, prezar pela inclusão de todos os educandos no processo educacional, assegurando a participação efetiva de todos os segmentos na gestão democráticas e administrativas. Dessa forma, resguardar os objetivos e especificidade de cada instância da gestão democrática, assim como defender os direitos individuais e coletivos, contra qualquer forma de discriminação é a principal filosofia da escola Nossa Senhora de Lourdes. <sup>6</sup>

Tem como patrono o senhor Olímpio João Pissinatti Guerra, que nasceu em Mogi Mirim, no estado de São Paulo, em 17 de maio de 1921. Seu pai, Basílio Pissinatti, e sua mãe, Francisca Guerra, eram agricultores descendentes de italianos, mudou-se para o Paraná em 1959, herdando do seu pai a profissão. Em 1971, aventurou-se para Sinop, gostando do lugar e, em 29 de agosto de 1972, buscou a sua família e, a partir de então, passou a residir definitivamente em Sinop.

João Pissinatti Guerra veio de uma família constituída por nove irmãos, sendo o terceiro da mesma, porém, com espírito aventureiro. Trouxe para Sinop a experiência de vida em comunidade, considerado presidente da comunidade onde morava no distrito de Sete Ilhas, no Paraná.

---

<sup>6</sup> PPP – Projeto Político Pedagógico

Pioneiro em Sinop, foi o primeiro presidente da comunidade Santo Antônio, instalando-se na área industrial, com uma indústria de beneficiamento de arroz, onde fundou a Igreja Nossa Senhora de Lourdes, sendo o patrono da mesma, inaugurando-a em 14 de outubro de 1984. Homem público, porém, não era político, só atuava na sociedade com muito empenho por ser muito religioso. Veio a falecer em 12 de novembro de 1986, período em que estava sendo construída a Escola Nossa Senhora de Lourdes, obra da qual foi pioneiro em idealizá-la, bem como fundá-la.

Foi homenageado com a obra que enriqueceu o setor industrial de Sinop. A escola foi inaugurada em 1987, com a presença da esposa de Olímpio João Pissinatti Guerra, e Adelaide Barbieri Pissinatti, que cortou a fita de inauguração da escola. Adelaide Barbieri Pissinatti (01/06/1922-14/03/1991) foi eterna companheira de Olímpio João Pissinatti Guerra, um dos maiores desbravadores da cidade de Sinop, que teve sonhos concretizados embora já não estivesse mais presente, através de sua fidelíssima esposa.<sup>7</sup>

A escola está situada na Av. Rute de Souza Silva, número 471, Setor Industrial, Sinop – MT, ofertando apenas o ensino fundamental, sendo matriculados 304 alunos no período matutino e 276 alunos no período vespertino, nas seguintes etapas de ensino, segundo dados do Censo/2017: Ensino Fundamental - Anos Iniciais e Ensino Fundamental - Anos Finais.

Sua infraestrutura é composta de alimentação escolar para os alunos, água filtrada, água de poço artesiano, energia da rede pública, possui acesso à Internet Banda larga, o lixo destinado à coleta periódica, no entanto, não possui esgoto. Possui os seguintes equipamentos: computadores administrativos, 31 computadores para alunos (laboratório de informática), TV, aparelho de som, projetor multimídia (Datashow). Nas dependências há 12 salas de aulas, 54 funcionários, sala de diretoria, sala de professores, laboratório de informática, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), quadra de esportes coberta, quadra de esportes descoberta, cozinha, biblioteca, banheiro dentro do prédio, banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, sala de secretaria e pátio coberto.

---

<sup>7</sup> ESCOLA DE SINOP. Disponível em: <<http://escolalourdessinop.blogspot.com>>. Acesso em: 11/01/2019.

Figura 5 – Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes - Av. Rute de Souza Silva



Fonte: Google maps, 2018.

### 3.3.3 Os alunos participantes da pesquisa

A turma selecionada na Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes foi uma turma de 7º ano, no período vespertino, com 30 alunos matriculados, porém apenas 22 estão frequentando às aulas.

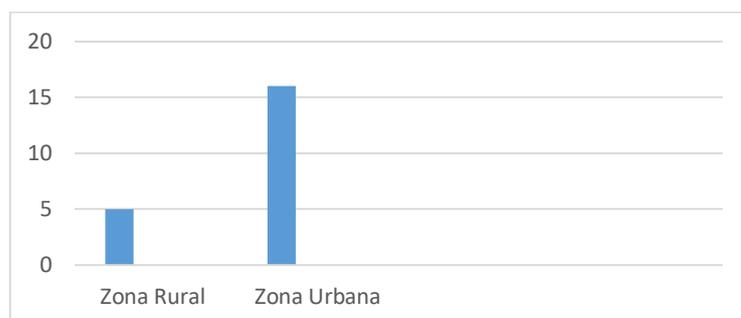
Desses 22 alunos, 12 são meninas, e 10 são meninos. A idade média dos estudantes são de 12 e 13 anos, sendo que dos 22 alunos, cinco moram na zona rural de Sinop. Como temos alunos da zona rural e da zona urbana, os alunos possuem realidades sociais totalmente diferentes e, conseqüentemente, detentores de variedades linguísticas distintas. Estes aspectos geram divisão entre os próprios alunos e, devido aos diferentes usos da língua, surgem preconceitos entre os alunos, com uma parcela de contribuição dos professores que insistem em padronizar a forma dos mesmos falarem. É importante ressaltar que um aluno não está alfabetizado, e durante a aplicação do projeto de intervenção esse aluno sempre era retirado da sala para participar de aulas de Atendimento Educacional Especializado (AEE).

## 4 ANÁLISES DOS DADOS

A partir deste momento foram analisados os resultados dos dados obtidos no questionário A aplicado aos alunos, como forma de averiguar o que eles pensam sobre a língua, as variações linguísticas, o preconceito e o bullying. O questionário foi composto de 16 questões, com perguntas fechadas e, também, perguntas abertas. O mesmo foi aplicado a 21 alunos.

Os gráficos foram tabulados logo abaixo às questões, para melhor averiguação desses sobre a variação linguística e o preconceito na visão dos alunos.

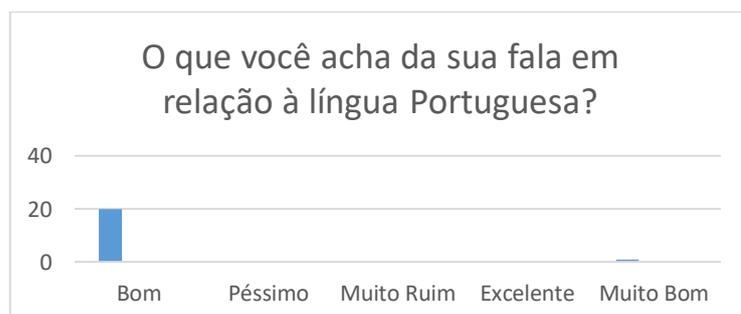
Gráfico 1 – Alunos da zona urbana e rural que estudam na Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

A primeira questão se refere ao que o aluno pensa da sua fala em relação à língua portuguesa, tendo os seguintes resultados: 20 alunos responderam que consideram sua fala boa, e um aluno respondeu que considera sua fala muito boa. Nesse sentido, afirma Calvet (2002, p. 57), “existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam”.

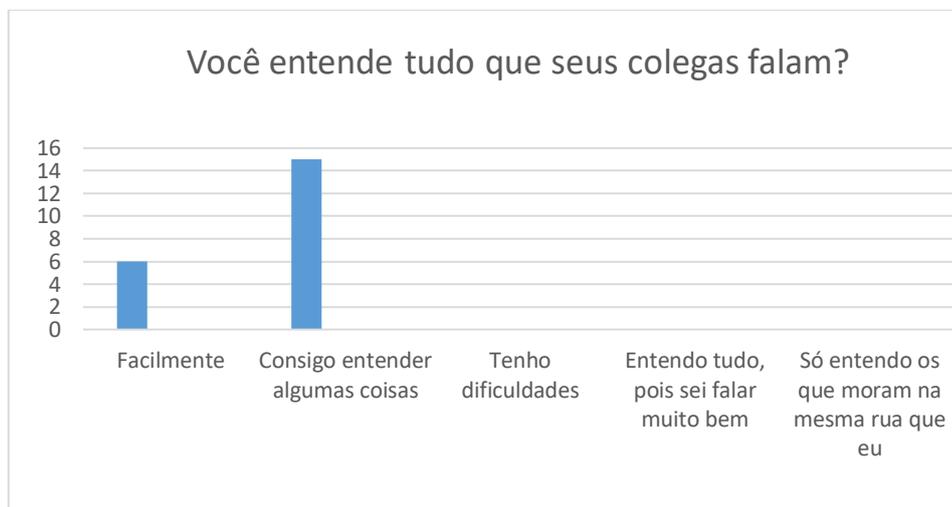
Gráfico 2 – O que você acha da sua fala em relação à língua Portuguesa?



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Na segunda questão os alunos foram questionados se entendiam o que os colegas falavam, tendo como respostas: seis alunos disseram que conseguem entender algumas coisas, e 15 responderam que entendem facilmente o que os colegas dizem.

Gráfico 3 - Você entende tudo que seus colegas falam?

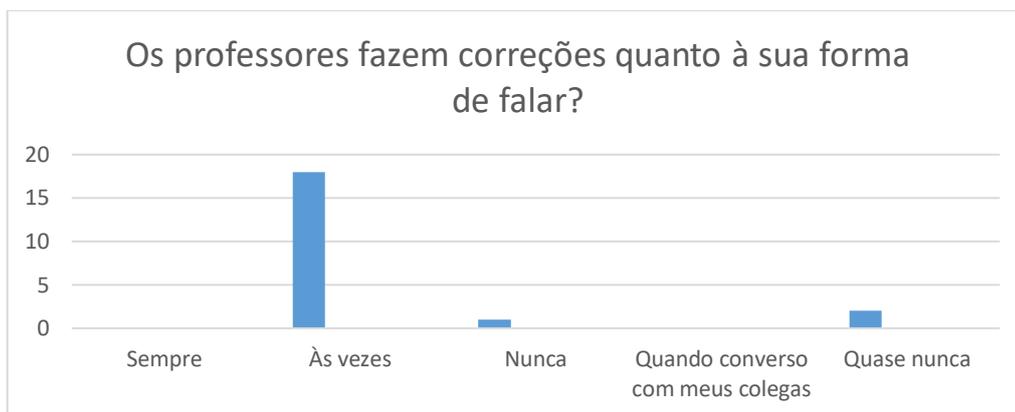


Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Na terceira questão, todos os alunos responderam que conhecem a forma e que algumas das palavras usadas nos exemplos são faladas diferentemente, sendo mencionadas apenas as palavras *comeno* e *falano*, as demais (carvão, chiclete, flecha, bicicleta, cerveja) são faladas da mesma forma. Podemos então concordar com Bortoni-Ricardo (2007, p. 37) que afirma que os “erros de português são simplesmente diferenças entre variedades da língua”. Durante a aplicação do questionário, foi possível observar que os alunos faziam menção aos familiares, amigos, mas não admitiram que cometem fenômenos fonéticos como dos exemplos citados.

Na quarta questão, um aluno disse que os professores nunca fizeram correções quanto à forma de falar; dois disseram que os professores quase nunca corrigem quanto à forma de falar e 18 disseram que os professores às vezes corrigem quanto à forma de falar. É preciso que os professores encontrem uma forma de abordar os alunos utilizando metodologias que permitam explicar, sem julgar o conhecimento que o aluno já possui.

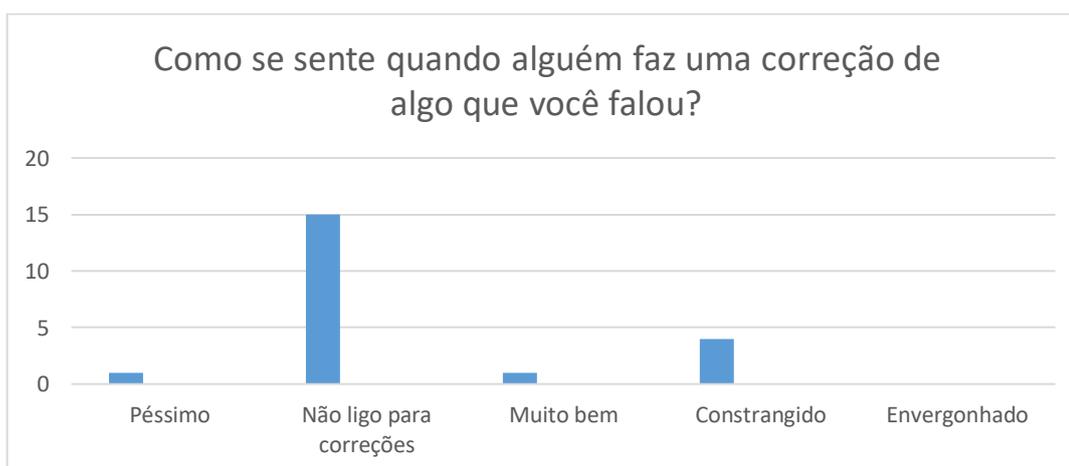
Gráfico 4 - Os professores fazem correções quanto à sua forma de falar?



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Na pergunta de número 5, os alunos foram questionados como eles se sentem quando alguém faz uma correção em relação ao que eles falam. Um aluno diz sentir-se péssimo ao ser corrigido por alguém; quatro alunos disseram sentir-se constrangidos; um aluno diz que se sente muito bem, pois gosta quando alguém o corrige e 15 disseram não ligar para as correções. A grande maioria diz não se importar para as correções, mas a maneira como um aluno se sente demonstra preconceito linguístico, e dizer que não se importa, pode ser sinal de que esse aluno possa estar sofrendo bullying. Um dos sinais de que a criança ou adolescente vem sofrendo bullying é o desinteresse pelo que o outro diz, ou faz a respeito de alguma coisa.

Gráfico 5 - Como se sente quando alguém faz uma correção de algo que você falou?

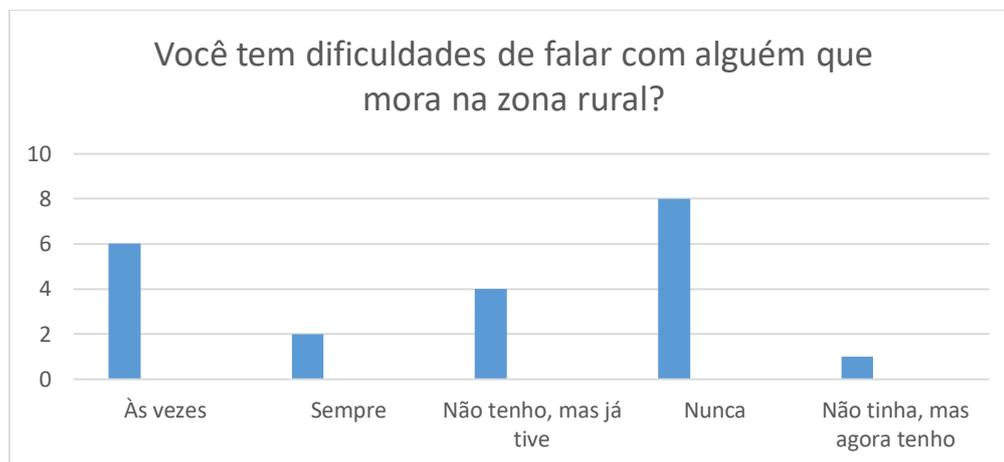


Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Com relação aos falantes da zona rural, seis alunos responderam às vezes ter dificuldades para conversar; oito alunos responderam nunca terem tido dificuldades para falar

com pessoas da zona rural; quatro alunos já tiveram, mas hoje não tem mais. Um aluno respondeu que não tinha, mas que agora tem e dois alunos disseram que sempre têm dificuldades para falar com pessoas da zona rural.

Gráfico 6 – Você tem dificuldades de falar com alguém que mora na zona rural?



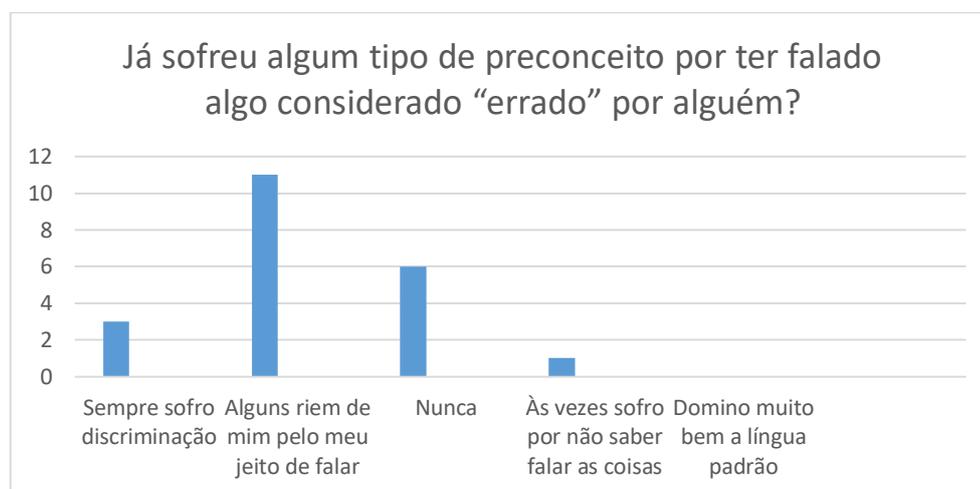
Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

No Brasil, há diversas variações dialetais, então é normal os alunos sentirem um pouco de dificuldades em falar com alguém que mora na zona rural, pois como sintetiza Bortoni-Ricardo (2007), há um contínuo de urbanização no qual de um lado ficam as variedades rurais isoladas e do outro se estabelece as variedades urbanas padronizadas e ao centro encontra-se a área urbana. As comunidades rurais isoladas, das mídias, como, televisão, rádios, internet e etc., mantêm seu repertório linguístico, sua cultura, porém, a população urbana está voltada para a tecnologia. Como Sinop não se encontra isolada, nem é um centro urbano, os falantes não sentem tanta dificuldade em serem compreendidos mesmo sendo habitantes da zona rural.

Na questão 7, foi pedido que exemplificassem palavras que os alunos falaram e que foram corrigidos. Alguns exemplos foram: um aluno disse farda, e foi corrigido por uniforme; mais melhor; bicicleta; comeno; mais pequeno, lá drento; pá dento; garafa e não garrafa; eu fiço, e não eu fiz.

Na questão 8, ao ser perguntado se já sofreu algum tipo de preconceito por ter falado algo considerado “errado”, obtivemos as seguintes respostas: 11 alunos disseram que alguns riem pelo seu jeito de falar; seis nunca sofreram preconceito; três sempre sofrem preconceito e um disse que às vezes sofre por não saber falar as coisas.

Gráfico 7 – Já sofreu algum tipo de preconceito por ter falado algo considerado “errado” por alguém?



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Bortoni-Ricardo (2012) comenta que nossa sociedade historicamente valoriza muito os conhecimentos gramaticais canônicos. Para a autora, “É necessário que se publique e se divulgue muito material de divulgação científica acessível para que a sociedade em geral reconheça as vantagens de levar em consideração a variação e a mudança na língua [...]” (BORTONI-RICARDO, 2012, p. 140).

Observa-se que, mesmo quando o aluno diz não se importar com as correções, ele admite sofrer preconceito. Os PCN (1997, p. 26) enfatizam que a “língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. [...] Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas”.

Por causa do preconceito, dois alunos disseram que conhecem poucas pessoas que não falam por medo de errar; sete alunos conhecem pessoas que não falam por medo de errar e 12 pessoas não conhecem pessoas que não falam por medo de errar.

A maneira de falar para 12 alunos pode interferir no desenvolvimento das aulas em sala, e para nove alunos, esse não é um fator que interfere em sala de aula.

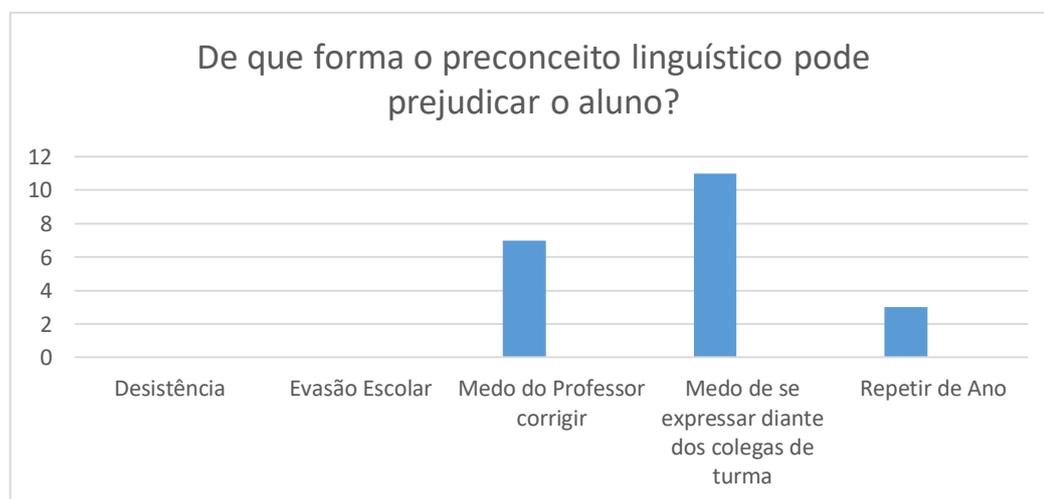
Na pergunta 11, todos concordam que no Brasil existem vários modos de falar. E que o modo de falar é diferente nas regiões do país em relação à maneira que eles falam para 15 alunos. Os 21 alunos concordam que a maneira que eles falam não pode ser dominado pelo padrão exigido na escola. Segundo os PCN (BRASIL, 1997, p. 21), a questão não é “falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar [...], ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. [...] A questão não é de correção da forma, mas de sua

adequação às circunstâncias de uso”, ou seja, de utilização eficaz de linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido.

Todos os alunos disseram que os fatores geográficos, sociais e econômicos, sexo, acesso à escola, faixa etária contribuem para que o preconceito linguístico exista; e mesmo que todos dominem a norma padrão (gramática), apenas esse fator não os torna capazes de falar bem a língua Portuguesa. Segundo Possenti (1996), antes da gramática existir no século II a. c., escritores como Esquilo e Aristóteles já existiam. A gramática foi criada para estudar formas antigas da língua grega que estava em transformação, e para entender os escritos das obras da tragédia grega era necessário o conhecimento ou a pesquisa de algumas palavras. Para Antunes (2003, p. 85), “toda língua tem sua gramática, tem seu conjunto de regras, independentemente do prestígio social ou do nível de desenvolvimento econômico e cultural da comunidade em que é falada”.

E na última pergunta, o preconceito pode prejudicar o aluno, fazendo com que ele sinta medo do professor lhe corrigir, para sete alunos; três alunos acham que o preconceito pode lhes fazer repetir de ano; e para 11 alunos, eles podem sentir medo de se expressarem diante dos colegas de turma.

Gráfico 8 – De que forma o preconceito linguístico pode prejudicar o aluno?



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Como podemos perceber, o preconceito linguístico está presente na comunidade escolar, que acaba influenciando na vida do aluno, provocando medo de se expressar, medo diante do professor com receio dele lhe corrigir, ou diante da turma, ou até mesmo por repetir o ano. O papel da escola não é ensinar o aluno a falar, pois ele já chega à escola sabendo falar, e quando a escola “tenta corrigir os alunos a não falarem ‘errado’, com a esperança de não escreverem

errados, só reforça o preconceito contra aqueles que falam diferente da fala prestigiada” (BRASIL, 1997, p. 38).

#### **4.1 Descrição das aulas e análise**

Após a aplicação do questionário, foi possível analisar o conhecimento dos alunos e preparar as próximas etapas da sequência didática. As etapas foram denominadas de módulos, para melhor explicar e exemplificar como foi elaborada a intervenção.

O primeiro módulo teve duração de seis aulas de 50 minutos. Nessas aulas foram abordadas as variações linguísticas, no campo mais extenso, pensando no país como um todo, abordando principalmente as variações regionais, e observando a grande variação cultural existente no Brasil. Foram contemplados também os vários dialetos existentes, que não impedem o entendimento durante a comunicação oral dos falantes.

Na primeira aula foi feita a apresentação e entrega dos termos de assentimento e consentimento, e também a abordagem do tema do projeto e análise do conhecimento prévio dos alunos. Os 22 alunos se dispuseram a participar, mas durante a aula, a professora Geise, que faz o atendimento especializado, veio até à sala e pediu que um aluno saísse, pois ele não estava ainda alfabetizado e que ele fazia parte de um atendimento diferente. Nessa aula foi aplicado um questionário (ver Apêndice A) para que pudesse ter conhecimento do que os alunos pensavam sobre variação linguística, dialetos, preconceito, língua Portuguesa, bullying e como eles lidavam com esses conceitos. Os questionários foram lidos e aplicados durante essa primeira aula, conforme apresentado anteriormente.

Nas aulas 02 e 03, foram abordadas as variações geográficas e sociais. Cada região do Brasil possui uma particularidade quando se fala em variação linguística. Essas particularidades definem a cultura de cada local e como as questões sociais são determinantes, pois refletem a história de cada região, e conseqüentemente como a norma padrão foi sofrendo variações e definindo um dialeto para aquela região, tendo como foco principal a desconstrução do preconceito presente na fala e até mesmo nos olhares durante a aula.

Nas aulas 04 e 05, foram realizadas atividades escritas (ver Apêndice B) para maior compreensão da norma culta e da coloquial, e enfatizar que não existe “certo” ou “errado”, e sim, adequado ou inadequado, para cada situação social que os alunos vivenciam. A língua portuguesa falada no Brasil possui uma infinidade de diferenças e variações quando comparada com a língua portuguesa falada em Portugal (BAGNO, 2013, p. 19). Essas diferenças se dividem em quatro grupos, quais sejam: 1) Diferenças fonéticas (no modo de pronunciar os

sons da língua): o brasileiro diz eu sei, o português diz eu sâi; 2) diferenças sintáticas (no modo de organizar as frases, as orações e as partes que as compõem): no Brasil dizemos estou falando com você; em Portugal eles dizem estou a falar consigo; 3) diferenças lexicais (palavras que existem lá e não existem cá, e vice-versa): o português chama de saloio aquele habitante da zona rural, no Brasil chamamos de caipira, capiau, matuto; 4) diferenças semânticas (no significado das palavras): cuecas em Portugal são as calcinhas das brasileiras; além de várias outras diferenças semânticas, como também observamos no Brasil, como macaxeira, aipim, mandioca.

Na aula 06, foi apresentado um vídeo que contempla as variações linguísticas no Brasil: Após a apresentação do vídeo, fizemos breves comentários sobre as variações linguísticas, observando tudo que já havíamos comentado durante as aulas.

No segundo módulo foi abordado o preconceito linguístico. Foram realizadas três aulas nesse módulo. Na primeira aula, abordamos de maneira bem simples, e também conceituamos o que é preconceito. Falamos sobre as várias formas de preconceitos que observamos no dia a dia, dentre eles, o preconceito racial, o preconceito religioso, o preconceito social, e a partir desse momento já falamos sobre o preconceito linguístico. Na segunda aula, analisamos o modo de falar das pessoas bem próximas, e onde elas vieram, e como o cotidiano influenciava na maneira de falar de cada um. Foi uma aula bastante envolvente. Na terceira aula, fizemos uma relação de palavras, frases, gírias, e particularidades que cada aluno observou tanto em seu ambiente familiar quanto no ambiente escolar. Foi possível perceber que os alunos observam bastante como cada professor fala, e como a comunicação entre eles, às vezes, pode causar certa estranheza.

No terceiro módulo foi enfatizado o bullying. Também realizado em três aulas. Na primeira aula, observamos o quão sutil o preconceito se diferencia do bullying. Pois a estranheza observada na aula anterior, foi o começo da discussão sobre bullying. Foi perceptível como os alunos sabem quando estão apenas brincando, e quando eles realmente comentem bullying. Nem sempre a agressão é corporal, mas os alunos sabem de que maneira eles podem agredir, e sabem o que estão fazendo. Na terceira aula, abordamos as maneiras como amenizar, ou até mesmo tentar diminuir o bullying entre eles.

## 4.2 Produção gênero Meme

E no quarto módulo, a produção e execução dos Memes. Talvez esse tenha sido o módulo mais difícil, pois alguns alunos não sabiam o que era Meme, nem sua finalidade. O módulo teve duração de 3 aulas. Na primeira aula foi preciso fazer toda a explicação, finalidade, e demais curiosidades. Como a internet na escola estava oscilando bastante, fiz uso do meu celular e notebook, para mostrar os Memes disponíveis na internet e também como eles se espalham de maneira imensurável. Na segunda aula, fizemos os Memes em folha sulfite (ver apêndice C). Os alunos foram divididos em grupos de três alunos, alguns não quiseram participar, como já estava previamente combinado, não houve nenhum problema. A execução dos Memes no computador, estava prevista para ser feita em uma ou talvez duas aulas. Porém, os computadores da escola não estavam funcionando pois nos dias da aplicação do projeto de intervenção teve uma chuva bem forte na cidade que causou sérios danos não só no laboratório de informática, como no refeitório e em algumas salas. Dois alunos tinham notebook e eu levei meu notebook. Durante esse período de muita chuva em Sinop, a internet fica inviável. Então, tentamos fazer no celular, mas apenas 3 alunos tinham celulares compatíveis para a realização dos Memes. E sem internet não era possível. Os grupos se reuniram em casa, e trouxeram alguns dias depois, para a finalização do projeto. Fizemos uma confraternização, e enviamos posteriormente para os grupos de professores, alunos, colegas, os Memes que foram criados.

Figura 6 - Meme 1



Figura 7 - Meme 2



Figura 8 - Meme 3



**ME DÁ UM  
CACETINHO???**



**É UM  
PÃOZINHO!!!  
NÃO UM  
CACETE!!!**

Figura 9 - Meme 4



Esta é a professora de Ciências. Ela é gaúcha e os alunos sempre faziam bullying com seu jeito de falar.

Figura 10 - Meme 5



- Cascão, bola tlabalhar na loça?

- Ah! não quero trabalhar na roça não! Quero ficar no Facebook!!!!

- Tem que tlabalhar pla ganhar dinheiro!!!!!

Figura 11 - Meme 6



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto no decorrer deste trabalho, o ensino da língua Portuguesa vai muito além do que está apenas no livro didático, a língua está inserida nos processos de evolução, tanto dela mesma quanto da tecnologia. No Profletras, eu percebi que ensinar a língua materna, com suas variações, pode ser de maneira criativa, interessante e lúdica. Fazer com que o aluno esteja consciente nesse processo é fundamental no processo e também no progresso. É possível desenvolver habilidades de leitura, de interpretação e o mais valioso do projeto de intervenção, é a interação. Assim, podemos dizer que não existe falante sem conhecimento de gramática, ou seja, mesmo que inconsciente ele sabe produzir diálogo, cujo seu interlocutor possa compreender e entender. O falante aprendeu suas regras e se comunica sem mesmo ter ido a escola, mas ele sabe que é preciso adequar-se ao ambiente em que a comunicação é estabelecida.

O uso das tecnologias é bastante importante, mas sabemos que nas escolas públicas ela ainda é muito precária. Trabalhar com as tecnologias ainda é um desafio enorme para o professor. É muito desestimulante chegar no laboratório de informática e ver computadores defasados, não tem internet, e não temos outros recursos. Fala-se muito que o professor não está preparado, que não se atualiza, mas infelizmente, a escola não acompanha o processo tecnológico. Não podemos culpar um ou outro, é necessário que todos e toda a estrutura do sistema seja atualizada.

O preconceito linguístico existe, como todos os outros preconceitos. Ele é fruto da nossa intolerância, do nosso pensar que o português deve ser falado e escrito seguindo as regras gramaticais, mas se o fizermos assim, estaremos abolindo toda a nossa diversidade cultural, que nos transforma em únicos. Nas escolas não devem ter preconceito, pois é nela que aprendemos a respeitar as diferenças, entender que podemos ser donos da nossa cultura, e nos adequarmos as nossas necessidades. Combater o bullying é apenas mais uma parte do preconceito, em todos os sentidos. Assim, para tentar banir tudo isso à nossa volta é necessário entender que o preconceito linguístico não pode ser dissociado dos outros preconceitos. “É necessário que o professor da Educação Básica assuma uma postura política ao tratar dessas questões” (BAGNO, 2008, p. 11). No entanto, “para ser efetivo em uma pedagogia linguística no ensino básico, é preciso que os professores aprendam a operacionalizar esses conhecimentos em seu trabalho pedagógico” (BORTONI-RICARDO, 2012, p. 39).

Portanto, conclui-se que após muitas leituras, artigos, livros referentes ao estudo da sociolinguística, é preciso desempenhar um papel muito além de apenas repassar o que está no livro para o entendimento da língua e como trabalhar em sala de aula. Assim espera-se que com

esse projeto de intervenção, os alunos possam sair com novas ideias, novos conceitos, relacionar a língua com a cultura e que tudo isso faz com que sejamos indivíduos que sabemos respeitar todas as diferenças e quebrar o paradigma de que só aprendendo ou decorando a gramática da norma padrão é que seremos seres capazes de dominar e administrar a nossa língua materna.

## REFERÊNCIAS

- ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística: parte 1. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** São Paulo: Loyola, 2007.
- BANDEIRA, C. M., & HUTZ, C. S.. **As implicações do bullying na autoestima**. 2010.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- \_\_\_\_\_. Stella Maris. Revista Práticas de Linguagem. v. 2, n. 1, jan./ jun. 2012.
- BRASIL, Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: planejando a alfabetização e dialogando com diferentes áreas do conhecimento**. Ano 2: unidade 6. Brasília: MEC, SEB, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- BRASIL. SEF/MEC. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília, 1997.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione. 2007.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CALVET, Louis-Jean: Sociolinguística: Uma introdução crítica. São Paulo: Parábola Editorial, 2002, 160p., 18cm.
- CAMACHO, Roberto Gomes. **A variação linguística. In: Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus**. São Paulo, SE/CENP, 1983. v. 3.
- BRASIL. Decreto nº 9.099, DE 18 DE JULHO DE 2017
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Orgs.). Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

- FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto. 2006.
- FRANCISCO, M. V., & LIBORIO, R. M. C. **Um estudo sobre bullying entre escolares**. 2009.
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática. 1997.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2ª Ed. São Paulo: Atlas, 1987.
- IRANDÉ, Antunes. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- KOCK, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto. 2007.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Ed. Parábola. 2007.
- LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LEAL, T. F.; BRANDÃO, A. C. P.; ALBUQUERQUE, R. K. Por que trabalhar com sequências didáticas? In: FERREIRA, A. T. B.; ROSA, E. C. S. (Orgs.). **O fazer cotidiano na sala de aula: a organização do trabalho pedagógico no ensino da língua materna**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 147-174.
- LOPES, A. A., NETO. **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes**. 2005.
- LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix. 2000.
- MACIEL, Lorraline de Souza. **O preconceito linguístico e sua relação com aprendizagem de alunos do 7º ano**. Centro Universitário de Brasília (Faculdade de Educação e Saúde). Brasília: 2014.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez. 2007.
- MARTELLOTA, Mário Eduardo (Orgs.). **Manual de linguística: sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- MOLLICA, Maria Cecília. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação**. In: MOLLICA, M. C. & Braga, M. L. (orgs.). In: **Introdução à Sociolinguística – o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2007.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

NICODEM, S., & PIBER, L. D. **Estudo sobre o fenômeno bullying em escolas**. 2011.

POSSENTI, Sirio. **Porque (não) ensinar gramática na escola**. 19. Reimpressão, 2008. Campinas SP: Mercado de Letras, 1996.

**Reflexão e Crítica**, 22(3), 493-501. **Revista Múltiplas Leituras**, 4(2), 41-55.

SANTOS, Carlos José Giudice dos. Oficina de pesquisa: tipos de pesquisa.s.ed, s.l: s.e, s.d. disponível em: <<http://www.Oficinadapesquisa.com.br>>. Acesso em: 10/12/2015.

SCHERRE, Marta. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. *Tabuleiro de Letras*, V.04, p. 01- 32, Jun., 2012. Disponível em [http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero\\_04/pdf/no04\\_artigo09.pdf](http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_04/pdf/no04_artigo09.pdf)< acesso em 10/12/2015>

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. uma política para o ensino da língua portuguesa no Brasil. In: **O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas**. Parábola Editorial. São Paulo: 2004.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez,1985.

TREVISOL, M. T., & DRESCH, D. **Escola e bullying: a compreensão dos educadores**. 2011.

VIEIRA, P. R.. **Violência no meio escolar**. **Revista do Ministério Público do Estado**. 2009.

VIEIRA, T. M., MENDES, F. C. C., & GUIMARAES, L. C. De Columbine à Virgínia. Tech: **reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão**. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 22(3), 493-501. 2009

## ANEXOS

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Seu filho está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), em uma pesquisa do curso de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Letras PROFLETRAS pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), em Sinop – MT.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final este documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unemat.

Endereço completo: Av. Tancredo Neves, 1095. Bairro: Cavanhada II – Cáceres – MT – CEP 78.200-000 - telefone: (65) 3221-0067 – e-mail: cep@unemat.br, telefone: (65) 3221-0067.

### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: “A variação linguística, o preconceito linguístico e bullying

Responsável pela pesquisa: Bianca Bruna Alves

Endereço e telefone para contato: Rua José Inácio Enzweiler, 341 A, Residencial Jd. Safira, Sinop, Mato Grosso, Brasil, CEP 78.551-368 fone (66) 99677 7387

Equipe de pesquisa: Bianca Bruna Alves

Objetivo geral: Promover atividades de produção digital, em forma de memes, combatendo o preconceito linguístico e evitando o bullying na comunidade escolar.

Riscos:

Como se trata de uma pesquisa envolvendo seres humanos pode ocorrer situações inesperadas no que se refere à dimensão social, intelectual e cultural, tais como expor os

participantes em relação uns aos outros, ao comportamento, ao discurso, à postura e ao modo como farão as intervenções.

Além do já exposto, o participante pode expressar opiniões pessoais que causem constrangimentos e trazer à memória individual ou coletiva, experiências de vida que poderão gerar vergonha, comentários e até mesmo brincadeiras desagradáveis, gerando sofrimento psíquico, dano à dimensão moral, intelectual e social, provocando desentendimentos, inimizades e conflitos.

#### Ações mitigadoras:

Visando a possibilidade de acontecerem alguns dos riscos descritos e/ou outros, propõe-se, com o intuito de evitar ou minimizar estes riscos, ações como:

- Antes de iniciar as atividades de pesquisa-ação, sugere-se a sensibilização com todos os envolvidos para que respeitem os hábitos culturais uns dos outros e que adotem atitudes de ética à dignidade humana, e aos valores sociais, morais e religiosos;
- Salientar que como se trata de uma pesquisa de cunho científico, é preciso seriedade, responsabilidade, maturidade e consciência, visando resultados que tenham valor para estudo;
- Garantir segurança aos participantes, realizando as atividades na própria escola tanto em horário de aula, como no contra turno (evitando prejuízo à aprendizagem de outros conhecimentos);
- Transmitir segurança e confiabilidade com relação às informações dadas;
- Como pesquisadora, demonstrar capacidade, clareza e postura pertinentes à pesquisa desenvolvida, evitando que os alunos sejam expostos a constrangimentos, situações desagradáveis e de mal tratos.
- Esclarecer que a participação é voluntária e que os mesmos podem solicitar a saída da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para estes.

#### Benefícios:

Como este trabalho tem como aporte a pesquisa-ação, um objetivo maior é a constatação de problemas e das possíveis soluções. Dessa forma, pode-se pontuar aos alunos pesquisados que serão beneficiados de forma indireta, tendo em vista que o presente estudo visa promover a leitura, o combate ao preconceito linguístico e o bullying de forma proficiente, além de serem motivados à escrita autônoma, nesse caso, com a criação de Memes.

Pode-se dizer ainda que acontecerá a aprendizagem de conhecimentos, já que haverá momentos de discussão, reflexão de ideias e contribuições por meio dos estudos de leitura, interpretação e produção textual.

Por fim, ressalva-se que quando há pesquisa, há progressos e benefícios, pois, os estudos existem para propor mudanças de hábitos, costumes, comportamentos, estratégias e metodologias que busquem melhoria de condições de vida da coletividade.

Assim, tendo em vista os pontos apresentados, fica evidenciada que a pesquisa trará muito mais benefícios do que riscos aos envolvidos.

Ao assinar este termo de livre consentimento e esclarecido, entendo que:

- Os dados por mim gerados serão submetidos à análise da equipe pesquisadora, com vistas ao alcance do objetivo do estudo acima exposto;
- Os instrumentos de coleta de dados a serem utilizados são entrevista e terei o direito de não responder as perguntas que me causem constrangimentos de qualquer natureza;
- Caso, por qualquer motivo, eu me sinta desconfortável, poderemos utilizar algum outro método alternativo de coleta, com a minha permissão;
- A equipe pesquisadora me dará esclarecimentos, antes e durante a pesquisa, acerca de sua metodologia e de seu método de análise dos dados;
- Reconheço que tenho o direito de acessar os registros utilizados nesta pesquisa a qualquer momento que julgue necessário e conveniente;
- Os resultados desta pesquisa serão fornecidos a mim e aos demais participantes, assim que tiver sido devidamente concluída;

Os dados coletados durante o estudo poderão ser utilizados para fins científicos, publicações e participações em eventos científicos, atentando para a ética no proceder científico;

- Não serei pago pela minha participação na pesquisa, sendo que os ganhos decorrentes da mesma serão no âmbito de minha aprendizagem e experiência de participação;
- Posso descontinuar minha participação nesta pesquisa a qualquer momento, sem que eu em nada seja prejudicado; e que
- Autorizo a publicação das informações por mim prestadas, desde que sejam mantidos os procedimentos de anonimato.

Local e data: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

RG/ou CPF \_\_\_\_\_

Assinatura do sujeito ou responsável: \_\_\_\_\_

Responsável pela Pesquisa: \_\_\_\_\_

## TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), em uma pesquisa do curso de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Letras PROFLETRAS pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final este documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unemat.

Endereço completo: Av. Tancredo Neves, 1095. Bairro: Cavahada II – Cáceres – MT – CEP 78.200-000 - telefone: (65) 3221-0067 – e-mail: cep@unemat.br, telefone: (65) 3221-0067.

### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: Variação Linguística, Preconceito Linguístico e Bullying

Responsável pela pesquisa: Bianca Bruna Alves

Endereço e telefone para contato: Rua José Inácio Enzweiler, 341, Residencial Safira, Sinop, Mato Grosso, Brasil, CEP 78.551 368 fone (66) 99677 7387

Equipe de pesquisa: Bianca Bruna Alves

Objetivo geral: Promover a formação do leitor por meio da interpretação e leitura das variantes linguísticas, combatendo o preconceito e o bullying através dos memes.

### Riscos:

Como se trata de uma pesquisa envolvendo crianças pode ocorrer situações inesperadas no que se refere à dimensão social, intelectual e cultural, tais como expor os participantes em relação uns aos outros, ao comportamento, ao discurso, a postura e ao modo como farão as intervenções.

Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se resolver desistir. Os adolescentes que juntamente com você irão fazer parte deste projeto têm de 11 a 14 anos de idade. Você não irá pagar nem receber dinheiro por participar desta pesquisa.

Durante a pesquisa, poderá ocorrer de você sentir vergonha e ficar acanhado ao entrevistar os moradores ou para apresentar as histórias para o público escolar sentindo-se retraído e inseguro, sabemos que isso é ruim. Mas não se preocupe, porque se isso acontecer, a professora estará ao seu lado te apoiando em tudo que precisar e te ajudando a realizar todas as atividades da melhor maneira possível para que você se sinta bem e seguro. Há também coisas

boas que podem acontecer, como no final você conhecerá mais sobre nossa língua e terá tido a oportunidade de participar de uma importante atividade, colaborando para que as tecnologias façam parte das aulas de língua portuguesa e que as aulas sejam bem produtivas e legais.

Os dados que você pesquisou e coletou estarão sempre à sua disposição e de seu responsável. Só será divulgado seu nome ou sua participação na pesquisa, se você e também seus pais ou responsáveis permitirem.

Se você precisar, pode em qualquer momento, entrar em contato com a pesquisadora responsável pela pesquisa: Professora Bianca Bruna Alves, Rua José Inácio Enzweiler, 341, Residencial Safira, Sinop-MT, CEP 78.551-368; e-mail: teacher.bianca@hotmail.com; telefone celular: (66) 9 9677 – 7387.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada a pesquisa. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável e posteriormente serão destruídos. Este termo de assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

**CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO**

Eu \_\_\_\_\_RG\_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa Variação Linguística, Preconceito Linguístico e Bullying Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim.

A pesquisadora tirou todas as minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

( ) Se meus responsáveis concordarem, eu autorizo a publicação dos meus dados.

\_\_\_\_\_  
Local e data

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) menor

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

Sinop, MT, \_\_\_\_ setembro de 2018

Pesquisador responsável

Bianca Bruna Alves, Rua José Inácio Enzweiller, 341 A, Residencial Jd. Safira, CEP: 78.551-368 Sinop/MT Fone: (66) 99677-7387 E-mail: teacher.bianca@hotmail.com

## APÊNDICES

### A – QUESTIONÁRIO 1

**1.** O que você acha da sua fala em relação à língua portuguesa? Marque as alternativas abaixo: Você fala...

a.( ) Bom b.( ) Péssimo c.( ) Muito ruim d.( ) Excelente e.( ) Muito bom

**2.** Como você entende tudo que seus colegas falam?

a.( ) Facilmente

b.( ) Consigo entender algumas coisas

c.( ) Tenho dificuldades

d.( ) Entendo tudo, pois sei falar muito bem

e.( ) Só entendo os que moram na mesma rua que eu moro.

**3.** Tem algumas palavras que você conhece de uma forma e muitos falam de outra forma? Se SIM marque a alternativa (A). Quais? Se NÃO marque a alternativa (B).

a.( ) Sim b.( ) não

( ) Calvão ( ) Carvão

( ) Chicrete ( ) Chiclete

( ) Frecha ( ) Flecha

( ) Bicicreta ( ) Bicicleta

( ) Celveja ( ) Cerveja

( ) Falano ( ) Falando

( ) Comeno ( ) Comendo

**4.** Os professores fazem correções quanto a sua forma de falar? Sim( ) ou não( )?

a.( ) Sempre b.( ) As vezes c.( ) Nunca fizeram

d.( ) Só quando estou conversando com colegas no intervalo e.( ) Quase nunca



**11.** Você acha que no Brasil existe apenas uma variação linguística (modo de falar) ou existem várias?

a.( ) apenas uma      b.( ) várias

**12.** Seu modo de falar é o mesmo de outras regiões do Brasil?

a.( ) Sim      b.( ) Não

**13.** Você acha que é possível dominar o seu modo de falar, o qual você está acostumado em sua comunidade, com a forma padrão exigida pela escola?

a.( ) Sim      b.( ) Não

**14.** Você concorda que fatores geográficos, sociais e econômicos como: falta de emprego, pobreza, faixa etária, sexo, difícil acesso à escola contribui para o preconceito linguístico existir?

a.( ) Sim      b.( ) Não

**15.** Será que apenas dominando a norma padrão (gramática) seremos indivíduos capazes de falar bem a língua brasileira?

a.( ) Sim      b.( ) Não

**16.** De que forma o preconceito linguístico pode prejudicar o aluno?

a.( ) Desistência    b.( ) evasão escolar    c.( ) medo do professor lhe corrigir

d.( ) medo de se expressar diante dos colegas de turma    e.( ) repetir de série

## Apêndice B - ATIVIDADE DE PORTUGUÊS SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

1. Observe a imagem retirada do Facebook abaixo e marque **V** ou **F** nos parênteses:



- ( ) Pela linguagem utilizadas pelos falantes eles não conseguem se comunicar.
- ( ) Os fatores regional, escolar e social influenciam o modo de falar dos personagens acima.
- ( ) Esse modo de falar é totalmente inaceitável em qualquer situação, porque é linguagem matuta.
- ( ) Mesmo sendo linguagem matuta cumpre sua função comunicativa.
- ( ) Não devemos ter preconceitos com exemplos de língua como essa acima, pois há diversos motivos que explicam esse modo de falar.

2. Observe a imagem abaixo retirada do Facebook e responda as perguntas a seguir:



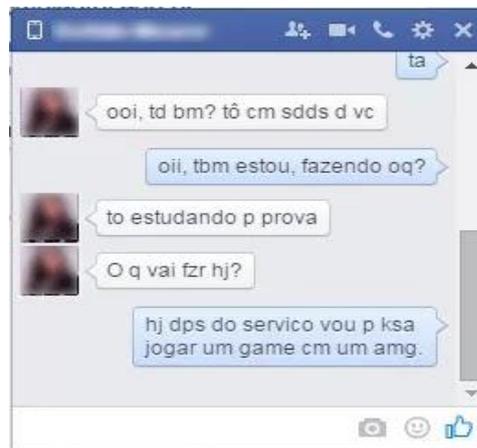
a) Que variedade linguística o personagem da imagem acima usou para se expressar: linguagem culta ou coloquial?

b) Observando bem a imagem, diga pelo menos dois motivos que contribuem para que o personagem fale dessa forma?

c) Esse jeito como o personagem falou dá para o ouvinte/leitor compreender? Por quê?

d) Essa linguagem usada por ele é considerada “correta” ou “errada”? Por quê?

3. Leia o texto retirado do Facebook de uma adolescente e responda as perguntas:



a) A linguagem deste texto é considerada culta ou coloquial?

b) Por que o autor desta mensagem escreveu para o colega usando essa escrita?

c) Essa escrita pode ser usada nos trabalhos escolares? Por quê?

d) Essa escrita atrapalhou o seu entendimento do texto?

e) Reescreva essa mesma mensagem usando a norma culta da língua.

f) Qual a intenção das pessoas ao usarem esse tipo de escrita nas redes sociais?

4. Assinale a opção que identifica a variação linguística presente nos textos abaixo.

**Assaltante Nordestino**

–Ei, bichin... Isso é um assalto... Arriba os braços e num se bula nem faça muganga... Arrebola o dinheiro no mato e não faça pantim se não enfio a peixeira no teu bucho e boto teu fato pra fora! Perdão, meu PadimCiço, mas é que eu to com uma fome da moléstia...

**Assaltante Baiano**

– Ô meu rei... (longa pausa) Isso é um assalto... (longa pausa). Levanta os braços, mas não se avexe não... (longa pausa). Se num quiser nem precisa levantar, pra num ficar cansado... Vai passando a grana, bem devagarinho... (longa pausa). Num repara se o berro está sem bala, mas é pra não ficar muito pesado... Não esquenta, meu irmãozinho (longa pausa). Vou deixar teus documentos na encruzilhada...

**Assaltante Paulista**

–Orra, meu... Isso é um assalto, meu... Alevanta os braços, meu... Passa a grana logo, meu... Mais rápido, meu, que eu ainda preciso pegar a bilheteria aberta pra comprar o ingresso do jogo do Corinthians, meu... Pó, se manda, meu...

- a) fator padrão
- b) fator pessoal
- c) fator escolar
- d) fator regional
- e) fator humorístico

5. Observe a charge abaixo e MARQUE A ALTERNATIVA CORRETA:

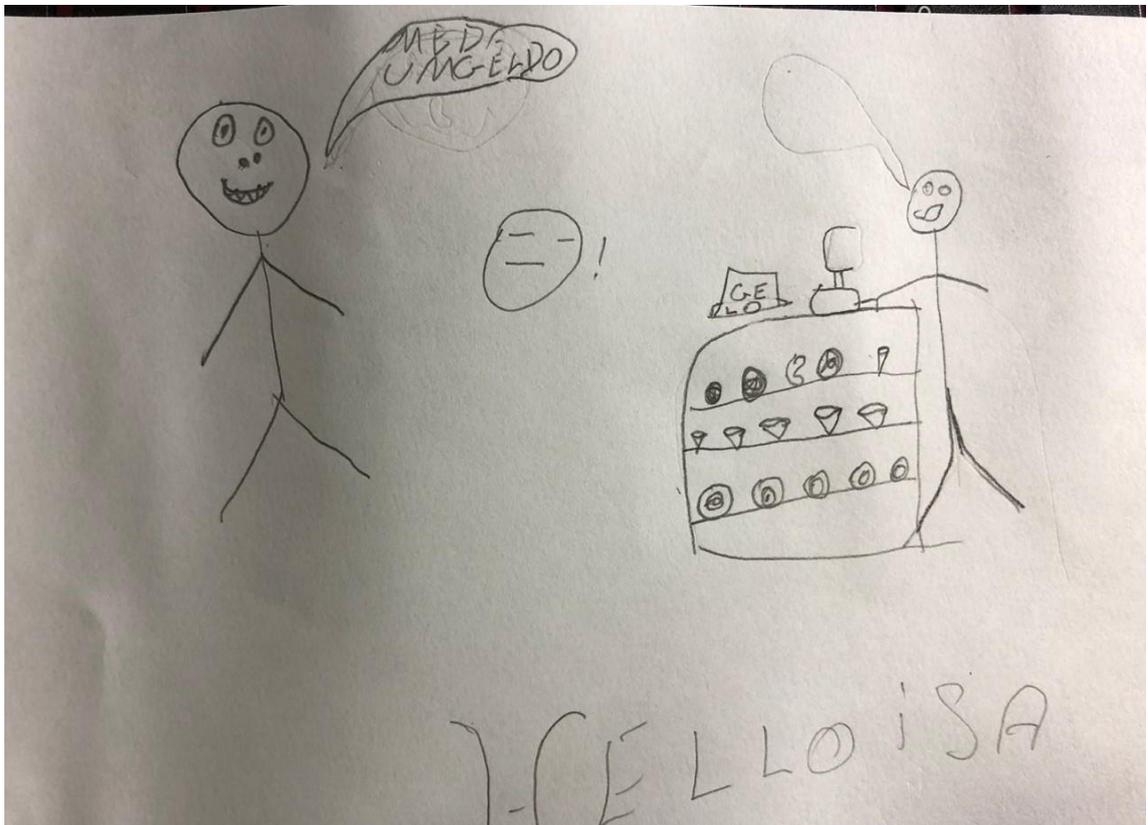
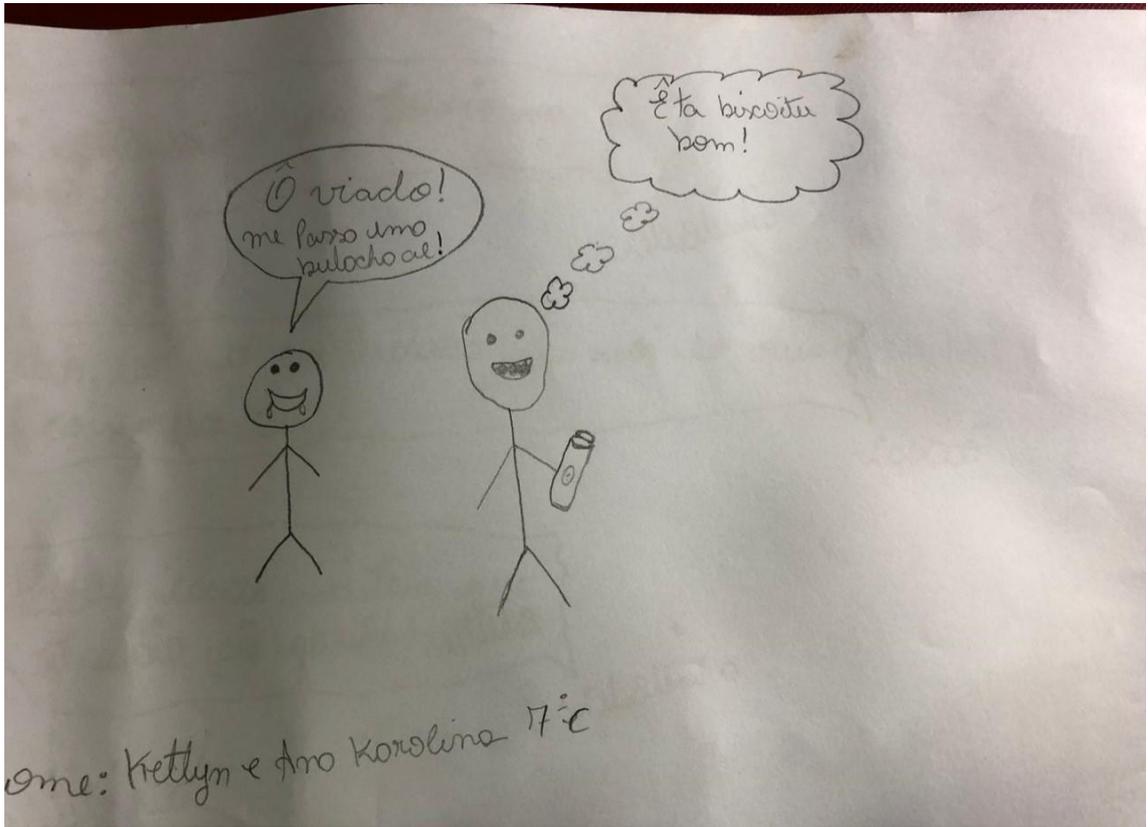


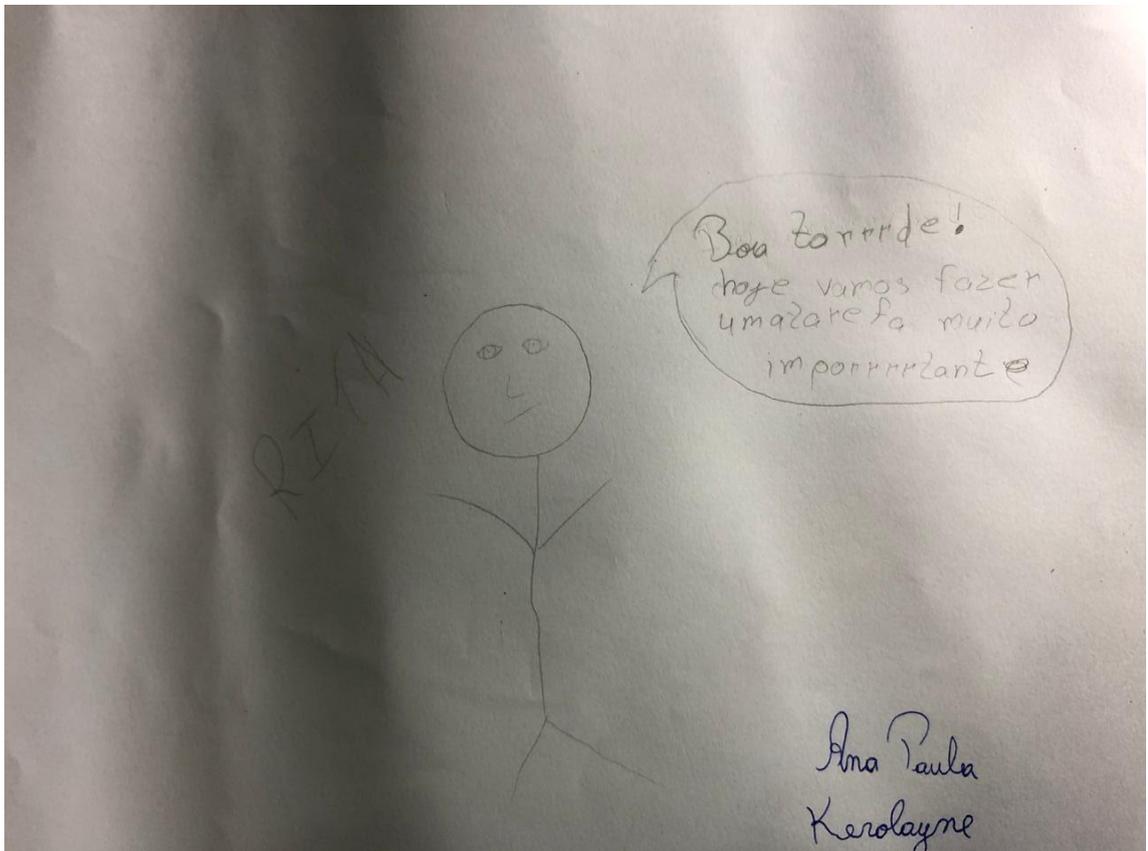
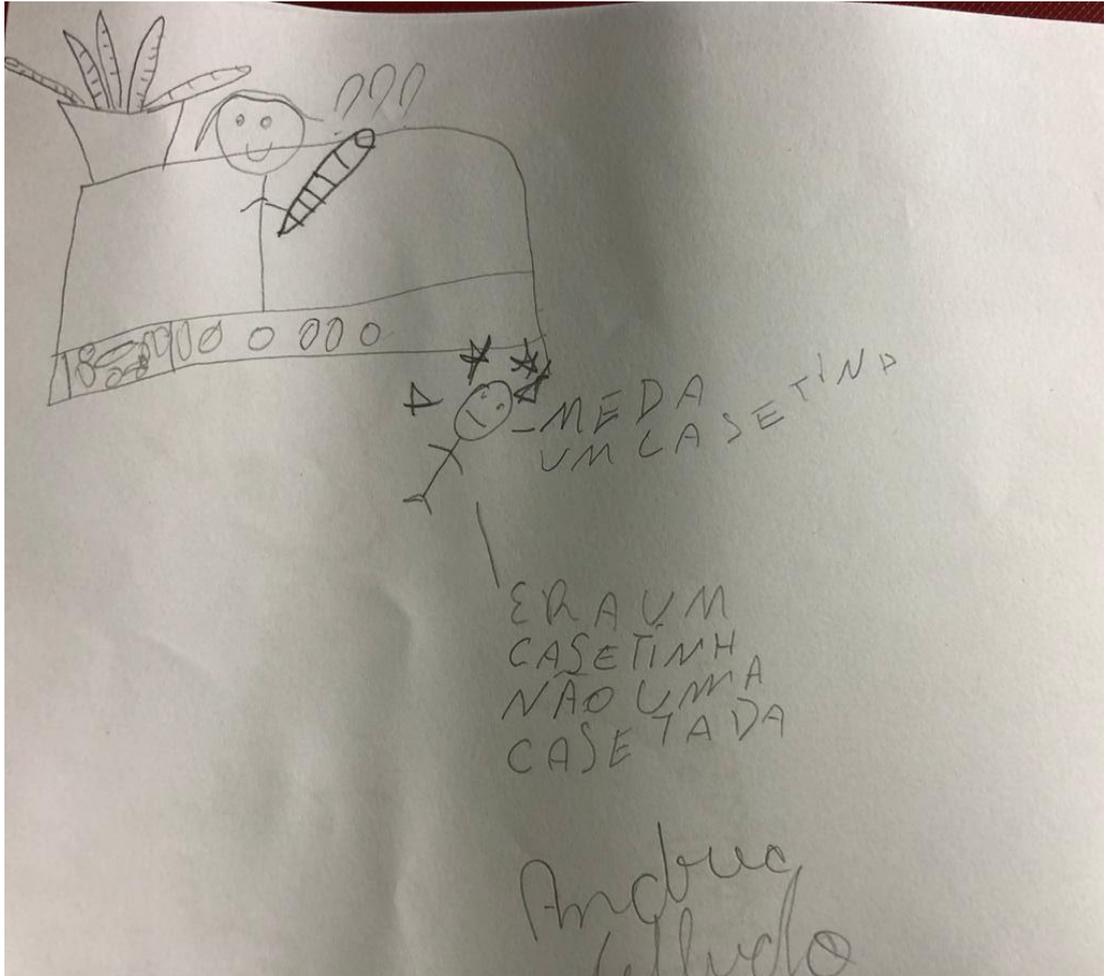
A linguagem da tirinha revela:

- a) Pelo tipo de linguagem usada pelo Chico Bento, eles não conseguem se comunicar.
- b) Evidenciamos um uso culto da linguagem, visto que eles personagens são estudante e professora.

- c) Expressões como “pruquê”, “num”, “arguma” devem ser banidos da língua em qualquer situação.
- d) A fala de Chico Bento faz o uso coloquial da linguagem, motivado por diversos fatores (regional, escolaridade, idade, financeiro e etc).
- e) Não há nenhum tipo de problema com a linguagem usada por Chico Bento, podendo ser utilizada também em trabalhos escolares, requerimentos...

APÊNDICE C





Eu não sei o bolo Trovão no  
Vôco

Abalinho

Não, não não que Trovão não não se que  
fica no pia bat

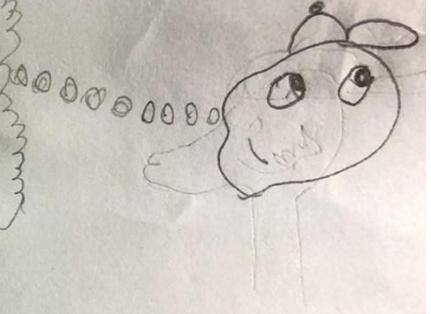
Vôco

Bolo Vôco não tem que  
Trovão pô ganhe Vôco

Abalinho

Vitório

Eu não sei porque o meu  
pai sempre fala que  
apanha com coisa que  
eu não pega o chinelo e  
se fala temo pede  
me bat.



Mome: Rudmar, Selaiza

Fotos:









